UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

Anesson da Silva Dias dos Santos

SEMENTES CRIOULAS NA COMUNIDADE KALUNGA DO VÃO DE ALMAS E SUSTENTABILIDADE CULTURAL

Planaltina-DF
2025

Anesson da Silva Dias dos Santos

SEMENTES CRIOULAS NA COMUNIDADE KALUNGA DO VÃO DE ALMAS E SUSTENTABILIDADE CULTURAL

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, na habilitação de Ciências da Natureza FUP-UNB.

Orientadora: Prof.ª Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva

Planaltina-DF

2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Sementes crioulas na Comunidade Kalunga do Vão de Almas e sustentabilidade cultural

Autor: Anesson da Silva Dias dos Santos

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, na habilitação de Ciências da Natureza FUP-UNB.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof.ª Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva (UnB) Orientadora

_____

Prof. Dr. Nathan Carvalho Pinheiro (UnB) Examinador

_____

Prof.ª. Dra. Maria Osanette de Medeiros (UnB membro Externo)
Examinadora

Planaltina-DF
2025

Fogo!… Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos
Fogo! Queimaram Palmares, Nasceu Canudos. Fogo! Queimaram Canudos, Nasceu Caldeirões.
Fogo!… Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher
Fogo!… Queimaram Pau de Colher… E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando. Porque mesmo que queimam a
escrita,
Não queimarão a oralidade. Mesmo que queimem os símbolos, Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo Não queimarão a ancestralidade.
(Antônio Bispo dos Santos)

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, que me deu oportunidade de ingressar na faculdade, força, saúde e fé para enfrentar esse caminho na busca de conhecimento na Licenciatura em Educação do Campo. Dedico também aos meus pais: Josina e Anestor, meus irmãos: Josinéste, Aneilson e Edinéia e minhas sobrinhas: Ana Clara e Ana Júlia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar força, saúde e determinação para enfrentar essa jornada.

Aos meus pais, Josina e Anestor, meus irmãos Josinéste, Aneilson e Edinéia, e minhas sobrinhas Ana Clara e Ana Júlia, que sempre estiveram ao meu lado.

Agradeço também à Universidade de Brasília e aos professores da LEdoC pelos conhecimentos adquiridos, ao Projeto de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e aos colegas Michele Batista, Isadora Santos, Camilce Santos, Irene Moreira e Ivana Sousa, que estiveram comigo durante essa trajetória de estudo. Sei que não é fácil, mas tivemos sempre um ajudando o outro durante esse período de pandemia de covid-19.

Agradeço ainda a Alexandre Vieira pelas contribuições com as fotos.

À Comunidade Kalunga do Vão de Almas, pelo acolhimento e partilha de saberes ancestrais, essenciais para a realização deste trabalho.

Ao Colégio Estadual Calunga I, antiga sede, e a todos os servidores que me acolheram para a realização dos estágios, assim como ao professor Valdir Fernandes da Cunha, por sempre me atender nas horas em que eu precisava.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a sustentabilidade cultural e a importância das sementes crioulas na Comunidade Kalunga do Vão de Almas. A partir de entrevistas com os anciãos, o estudo registra práticas tradicionais de cultivo, conservação de sementes e os impactos das mudanças climáticas sobre essas práticas. A monografia destaca a importância da preservação desses conhecimentos para garantir a identidade cultural e a soberania alimentar das futuras gerações. A pesquisa evidencia não apenas o modo de vida da comunidade, mas também as práticas sustentáveis utilizadas para enfrentar os desafios climáticos e preservar a cultura e o meio ambiente, mantendo viva a conexão entre as gerações e a terra. As entrevistas sobre as sementes crioulas da Comunidade Kalunga do Vão de Almas, portanto, configuram uma importante contribuição para a valorização da agricultura tradicional e para a reflexão sobre os impactos das mudanças climáticas nas práticas agrícolas das comunidades tradicionais. A Comunidade Kalunga do Vão de Almas apresenta um forte vínculo de resistência cultural pela luta pela terra e pelos saberes e fazeres ambientais, ao utilizar formas sustentáveis de cultivo sem agredir o meio ambiente. A agricultura familiar e o uso de sementes crioulas mantêm e preservam uma relação sustentável com a terra, resguardando saberes ancestrais até os dias atuais. A pesquisa descreve e analisa os processos de produção, conservação e valorização dessas sementes, destacando o manejo que a comunidade mantém em prol da sustentabilidade cultural e ambiental.

Palavras-chave: sementes crioulas; sustentabilidade cultural; agricultura familiar; Comunidade Kalunga do Vão de Almas; saberes ancestrais.

ABSTRACT

This research analyzes the cultural sustainability and importance of native seeds in the Kalunga Community of Vão de Almas. Based on interviews with elders, the study records traditional cultivation practices, seed conservation and the impacts of climate change on these practices. This monograph demonstrates the importance of preserving this knowledge of the elders to ensure the cultural identity and food sovereignty of future generations. The research carried out with the elders shows not only the community's way of life, but sustainable practices used to address climate challenges and preserve culture and the environment, keeping the connection between generations and the land alive. The interviews with the native seeds of the Kalunga Vão de Almas community, therefore, make an important contribution to the appreciation of traditional agriculture and reflection on the impacts of climate change on the agricultural practices of traditional communities. The Kalunga Community of Vão de Almas has a strong bond of cultural and environmental resistance. Family farming and the use of native seeds maintain and preserve a sustainable relationship with the land, preserving ancestral knowledge until today. The research describes and analyzes the processes of production, conservation and valorization of these seeds, highlighting the management that the community maintains in the cultural and environmental sustainability of the community.

Keywords: native seeds; cultural sustainability; family farming; Kalunga community; ancestral knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comunidade Kalunga do Vão de Almas e seus setores.....20
Figura 2 – Preservação cultural da Comunidade Kalunga do Vão de Almas 22
Figura 3 – Roça de arroz com apenas 1 mês.....26
Figura 4 – Roça de arroz.....28
Figura 5 – Roça de toco plantio de arroz.....31
Figura 6 – Sementes crioulas selecionada para plantio 33
Figura 7 – Milho e abóbora da Comunidade Kalunga do Vão de Almas 36
Figura 8 – Sementes Crioulas 39
Figura 9 – Tradição Kalunga.....40
Figura 10 – Roça de arroz.....44
Figura 11 – Sementes de feijão manteiga, amarelo, preto e roxo 46
Figura 12 – Colheita de arroz 47
Figura 13 – Casa do entrevistado e plantio da roça de toco 50
Figura 14 – Milho 4 meses 51
Figura 15 – Roça.....51
Figura 16 – Banana 3 esquinas e maçã 52
Figura 17 – Mandioca casco- de-burro.....52
Figura 18 – Arroz bico roxo.....52
Figura 19 – Feijão carioca 52
Figura 20 – Casa do entrevistado.....53
Figura 21 – Mandioca casco de burro, pipiri e galheirinha 54
Figura 22 – Arroz novato 54
Figura 23 – Banana prata e Ourinho 55
Figura 24 – Feijão carioca 55
Figura 25 – Casa do entrevistado.....55
Figura 26 – Arroz piace 57
Figura 27 – Mandioca pipiri 57
Figura 28 – Milho 3 meses 57
Figura 29 – Banana maça 57
Figura 30 – Casa da entrevistada.....58
Figura 31 – Limpeza de arroz manual com enxada.....59
Figura 32 – Arroz bico roxo.....59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sementes crioulas existentes na comunidade 35
Tabela 2 – Sementes crioulas da Comunidade do Vão de Almas.....50
Tabela 3 – Sementes crioulas presente na Comunidade do Vão de Almas.....53
Tabela 4 – Sementes crioulas na Comunidade Kalunga do Vão de Almas.....56
Tabela 5 – sementes crioulas da Comunidade Kalunga do Vão de Almas 58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Articulação no Semiárido Brasileiro
FUP	Faculdade UnB Planaltina
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo
MCP	Movimento Camponês Popular
MEC	Ministério da Educação
MMTR	Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PET	Programa de Educação Tutorial
PIBID	Projeto de Bolsa de Iniciação à Docência
RESEA	Rede Sergipana de Agroecologia
RURIS	Revista de Estudos Rurais
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SHPCK	Sítio Histórico Patrimônio e Cultural Kalunga
SINTRAF	Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar
STTRs	Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFG	Universidade Federal de Goiás
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....12
1.1 Memorial.....12
1.2 Tema da pesquisa.....13
1.3 Justificativa.....15
1.4 Objetivo geral 16
1.5 Objetivos específicos.....16
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE PESQUISA.....17
CAPÍTULO 3 – REFERENCIAL TEÓRICO 19
3.1 Área do estudo: o Vão de Almas.....20
3.2 Sustentabilidade cultural no campo.....28
3.3 Produção de agricultura quilombola sementes crioulas no Vão de Almas .32
3.4 Quilombos, quilombolas e sementes crioulas 40
CAPÍTULO 4 – USOS DAS SEMENTES CRIOULAS E SUSTENTABILIDADE CULTURAL NO VÃO DE ALMAS 49
4.1 Camponeses quilombola do Vão de Almas e sementes crioulas 49
4.2 Registro de fotos sementes crioulas.....59
CAPÍTULO 5 – RESULTADO E DISCUSSÃO.....61
CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....64
REFERÊNCIAS.....66
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....69

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

1.1 Memorial

Sou Anesson da Silva Dias dos Santos, nasci no ano de 2000, em Cavalcante, estado de Goiás. Pouco após o período de resguardo de minha mãe, a família retornou para a Comunidade Kalunga do Vão de Almas, onde residimos até hoje. Segundo relato de minha mãe, o acesso à cidade naquela época era bastante limitado, exigindo uma caminhada ou uma viagem a cavalo de aproximadamente 60 km até o ponto de ônibus. Essa trajetória era realizada mensalmente para a compra de alimentos e vacinação.

Aos dois anos de idade, minha mãe teve minha irmã, o que trouxe desafios adicionais à rotina familiar. Segundo relato de minha mãe, durante as viagens para a cidade, minha irmã mais velha e eu muitas vezes ficávamos sob os cuidados de parentes. Aos quatro anos, com o nascimento do meu irmão caçula, a vida familiar começou a apresentar algumas melhorias, tais como ajudar meus pais na roça e cuidar do meu irmão. Nesse período, minha mãe iniciou sua carreira como professora, cargo que ocupa até os dias atuais, enquanto meu pai se dedicava à agricultura familiar, garantindo o sustento da família.

Aos sete anos, iniciei minha vida escolar, que enfrentava dificuldades devido à distância entre minha casa e a escola. Apesar disso, meus pais sempre buscaram formas mais adequadas para que eu pudesse frequentar a escola: compraram uma bicicleta ou íamos montados a cavalo. Após as aulas, eu realizava as atividades escolares e ajudava na roça, como capinar e vigiar as plantações. Entre os oito e nove anos, mudei de escola, reduzindo a distância percorrida diariamente para cinco quilômetros, trajeto que realizava de bicicleta ou a cavalo para facilitar o deslocamento. Em dezembro de 2008, fui picado por uma cobra. Fiquei quatro dias na comunidade sendo cuidado com plantas medicinais Kalunga. Como era dificultoso o acesso a um carro 4x4, ainda assim conseguiram um veículo para vir me buscar na Comunidade Riachão. Fomos todos para a cidade. Fiquei 21 dias internado, tive alta e retornei com o uso das plantas medicinais novamente até a ferida cicatrizar.

Dos 10 aos 18 anos, mudei-me para a cidade para continuar os estudos. Essa fase foi desafiadora, pois enfrentei dificuldades de adaptação e preconceito por ser negro. Apesar de desejar retornar à comunidade, permaneci na cidade para concluir minha formação. Durante as férias de julho e dezembro, voltava à comunidade para

ajudar na agricultura. Aos 18 anos, concluí o ensino médio e retornei à minha terra natal.

Aos 19 anos, voltei a residir na comunidade para ajudar na agricultura familiar e preservar a cultura local. Eu e minha família plantamos arroz e mandioca, o que, apesar de não gerar uma boa produção, garantiu sementes para o plantio do ano seguinte. Em 2020 e 2021, trabalhei como professor do ensino fundamental na Escola Municipal Cocos, na comunidade, um período que me proporcionou crescimento acadêmico e pessoal.

No segundo semestre de 2020, ingressei no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), um marco importante para minha vida acadêmica. Em 2022, decidi construir uma casa de palha e adobe na comunidade, além de preparar um quintal para o plantio de mandioca. No entanto, as chuvas intensas de dezembro comprometeram o cultivo, fazendo com que as manivas apodrecessem.

Em novembro de 2023, reiniciei o plantio, desta vez com maxixe, abóbora, mandioca e feijão-de-corda para colher no ano seguinte. O ano de 2024 trouxe boas colheitas, exceto para o feijão, que foi consumido por veados. Em novembro do mesmo ano, colhi a mandioca e produzi farinha, reservando parte para o replantio. A próxima colheita está planejada para julho de 2025.

Desde criança, sempre permaneci na comunidade, seguindo e observando as tradições dos povos ancestrais, preservando e cultivando os saberes que existem na comunidade, embora sem compreender a suma importância dessa preservação cultural. O plantio da roça de toco e o objetivo de conservar as sementes crioulas, que são plantadas anualmente, garantem que a comunidade como um todo jamais deixe de preservar sua cultura.

1.2 Tema da pesquisa

Este trabalho tem como objetivo relatar a sustentabilidade cultural, a agricultura e o uso de sementes crioulas na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, destacando sua relevância para a realidade local. A sustentabilidade cultural pode ser definida como a integração de valores culturais nas práticas cotidianas das pessoas, aliada à preservação dos recursos naturais, com o objetivo de garantir a continuidade da identidade cultural.

Sob essa perspectiva, é fundamental analisar como a sustentabilidade, a agricultura e as sementes crioulas estão interligadas à cultura local. Em 2023, realizei

uma sondagem que revelou como a sustentabilidade e a cultura estão profundamente conectadas à produtividade e aos aspectos culturais da comunidade. Esse processo despertou meu interesse pelo cuidado com a natureza demonstrado pelos membros da comunidade e pela tradição do plantio, que é realizada de forma direta e respeitosa com a terra. Essa observação motivou minha curiosidade em relação às sementes crioulas.

De acordo com Maronhas, Silva e Görgen (2021), as sementes crioulas são definidas como:

> Semente crioula é o conceito utilizado para identificar as partes reprodutivas de vegetais e animais, sejam estas sementes, caules, rizomas, tubérculos e no caso dos animais, eles próprios. O termo faz referência a uma grande diversidade de espécies que foram selecionadas, cuidadas, melhoradas e preservadas pelos seres humanos e que hoje se encontram nas mãos de agricultoras e agricultores camponeses, diversos povos indígenas e comunidades tradicionais, como quilombolas, vazanteiros e outros, que são também guardiãs e guardiões de sementes (Maronhas; Silva; Görgen, 2021, p. 684-685).

De acordo com os autores, as sementes crioulas são espécies selecionadas pelos pequenos agricultores para a realização da agricultura. Essas sementes são preservadas, selecionadas e armazenadas para evitar sua perda e impedir que sejam substituídas por sementes transgênicas (Maronhas; Silva; Görgen, 2021).

A cultura é fundamental para que as pessoas compreendam os valores da preservação e da conservação dos recursos naturais, que apresentam uma imensa diversidade na tradição e nas raízes culturais dos povos da comunidade. Destaca-se o foco na preservação do ambiente em que vivem, na colheita que a terra produz e no respeito à natureza, para que a sustentabilidade se concretize no âmbito da comunidade.

Conhecer os métodos de plantio, preservação e o modo de vida na comunidade Kalunga Vão de Almas é essencial para compreender a sabedoria dos ancestrais, mantida até os dias atuais. Mesmo com as transformações ao longo do tempo, a comunidade nunca abandonou as tradições ancestrais, que permitem a prática da agricultura de subsistência. Dessa forma, as tradições são continuamente preservadas, carregando uma simbologia ancestral que permeia a vida da comunidade.

1.3 Justificativa

O presente trabalho aborda a temática das sementes crioulas e da sustentabilidade cultural na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, por meio de entrevistas com os anciãos da comunidade, com o objetivo de compreender como o uso das sementes crioulas contribui para os saberes, os fazeres e a identidade cultural, tendo em vista uma forma de manter a tradição viva e fortalecer a identidade local. A sustentabilidade cultural assegura a continuidade das práticas, conhecimentos e valores transmitidos entre gerações, promovendo a resistência e a valorização da cultura local em consonância com o meio ambiente.

Conhecer a história do passado, as atividades realizadas pelos avós, pais, tios e tias, bem como realizar entrevistas sobre o modo de vida daquela época e o atual, permite compreender a preservação das tradições no contexto da sustentabilidade cultural de forma prática e teórica. Esse processo busca demonstrar o conhecimento atualizado para a comunidade e adaptá-lo, respectivamente, à escola e à comunidade, por meio de oficinas, projetos pedagógicos, matrizes pedagógicas e do desenvolvimento de pesquisas com os estudantes, a fim de dialogar com os anciãos da comunidade e trazer a memória de vida para o âmbito escolar.

Além disso, a contribuição deste trabalho é trazer os saberes populares para a sala de aula, onde os estudantes compreendem os conceitos de sementes crioulas e sustentabilidade cultural, desenvolvendo uma visão crítica, reconhecendo a importância das práticas sustentáveis e fortalecendo o conhecimento no âmbito escolar. Busca-se, assim, construir um currículo baseado na sustentabilidade cultural, com a perspectiva de resgatar as tradições e os saberes da comunidade. Essa prática de ensino valoriza o saber tradicional, demonstrando o respeito ao meio ambiente e a importância das sementes crioulas, promovendo o desenvolvimento desse tema em sala de aula e incentivando a valorização do conhecimento tradicional. Nesse contexto, a valorização da cultura tradicional fortalece a identidade cultural e amplia o conhecimento dos alunos sobre formas de preservar os saberes, que muitas vezes têm sido esquecidos com o passar do tempo.

Este trabalho contribui para que o currículo escolar leve o tema das sementes crioulas para dentro da sala de aula, pois, quando estudei na comunidade, não conhecia o conceito de sementes crioulas, chamava-as de sementes nativas, e só fui compreendê-lo detalhadamente na faculdade. Ao desenvolver as aulas, busca-se conscientizar os estudantes sobre as transformações que vêm ocorrendo na

comunidade ao longo dos anos, incentivando a continuidade dos conhecimentos tradicionais no ambiente escolar. Diante disso, a sustentabilidade cultural e os conhecimentos locais promovem a valorização do patrimônio cultural, propondo um método de ensino alinhado à realidade dos estudantes e conscientizando-os sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo, além de reconhecerem a importância da preservação ambiental e cultural.

Esse conceito fomenta um conhecimento a ser abordado na sala de aula, relacionando teoria e prática e integrando a tradição ao âmbito escolar. As aulas práticas devem ser realizadas nas hortas desenvolvidas pelas escolas, trazendo conceitos multidisciplinares para que os alunos compreendam o ciclo de cada semente. Por exemplo: a aula de Ciências pode ser utilizada para explicar o processo do ciclo biológico; a de História, para apresentar a visão dos povos ancestrais e suas práticas de trabalho manual dentro da comunidade; e a de Matemática, para compreender o tempo necessário que cada semente leva para se desenvolver. Assim, busca-se que as novas gerações compreendam a importância desse saber, que frequentemente passa despercebido.

1.4 Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é descrever e analisar os meios de produção, valorização e preservação das sementes crioulas na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, bem como a sustentabilidade cultural.

1.5 Objetivos específicos

São objetivos específicos:

- Registrar as formas de sustentabilidade cultural utilizadas pela comunidade e na agricultura e sua preservação das sementes crioulas.
- Descrever os valores das sementes crioulas e os meios de produção da agricultura.
- Identificar processos de produção, colheita, sementes, valorização cultural das sementes crioulas na Comunidade Kalunga do Vão de Almas e sustentabilidade cultural.
- Relatar a importância das sementes crioulas na agricultura

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE PESQUISA

Antes de iniciar o meu TCC, foi realizada uma sondagem para conhecer mais de perto as práticas agrícolas utilizadas pelo povo Kalunga na Comunidade do Vão de Almas. O objetivo foi analisar o uso das sementes crioulas e sua relação com a preservação das raízes culturais, buscando compreender a cultura e a identidade dos povos ancestrais.

Nesta pesquisa, detalhei e sistematizei aspectos da produtividade relacionados às sementes crioulas e à sustentabilidade cultural na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, desde os antecedentes até as práticas atuais. A pesquisa evidencia a importância das sementes crioulas, destacando a preservação das raízes culturais e das memórias ancestrais dos povos Kalungas, transmitidas de geração em geração.

O foco desta metodologia foi pesquisar os saberes tradicionais de alguns anciãos da Comunidade Kalunga do Vão de Almas, com ênfase na preservação e conservação das sementes crioulas. Na comunidade, a sustentabilidade cultural tem sido transmitida de geração em geração, e o processo de conservação das sementes crioulas contribui para evitar a perda das raízes culturais e do modo de agricultura local.

A pesquisa foi realizada na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, durante os meses de setembro e outubro de 2024, ocasião em que foram conduzidas entrevistas com quatro anciãos locais, por meio de perguntas orais, com o objetivo de registrar seus saberes ancestrais e analisar as mudanças nas experiências vividas e nas práticas agrícolas, como o uso das sementes e a agricultura. Essas práticas têm sido mantidas desde os tempos antigos até os dias atuais, embora mudanças significativas estejam ocorrendo, no intuito de compreender a relação entre as sementes crioulas e a sustentabilidade cultural local. Foram entrevistados quatro anciãos da comunidade: Nicanor dos Santos Rosa (65 anos), Santa Dias dos Santos (50 anos), Joana Rodrigues dos Santos (76 anos) e Paulo Vieira Maia (75 anos).

Antes de realizar as entrevistas, fui à casa de cada um dos entrevistados para verificar se estariam disponíveis para participar da coleta de dados e se estavam cientes e autorizavam a utilização das informações para fins acadêmicos. Essas práticas têm sido mantidas desde os tempos antigos até os dias atuais, embora mudanças significativas estejam ocorrendo, como, por exemplo, nas formas de conservação e armazenamento das sementes crioulas, bem como nas técnicas de plantio sustentável utilizadas pela comunidade.

Para a coleta de dados, utilizei a abordagem qualitativa baseada na história oral, realizando entrevistas presenciais em suas residências, previamente agendadas para garantir a disponibilidade e a autorização dos participantes. Durante as entrevistas, foram feitos registros fotográficos para documentar as técnicas de conservação das sementes crioulas, suas mudanças ao longo do tempo e os desafios enfrentados atualmente.

As perguntas incluíram questões sobre as espécies de sementes cultivadas no passado e no presente, os métodos de conservação utilizados, as principais ameaças enfrentadas e a importância dessas sementes para a identidade cultural da comunidade.

Por meio das entrevistas, analisei os dados para obter resultados e compreender as práticas culturais e agrícolas utilizadas pela comunidade. Essas informações revelam aspectos do conhecimento ancestral que persistem atualmente, representando uma valorização essencial da tradição – prática que é transmitida de geração em geração, mantendo vivas as raízes do saber.

Para a análise e interpretação dos dados, foi utilizada a abordagem qualitativa, com dados transmitidos verbalmente. Na pesquisa qualitativa, diferentes fontes, como textos, imagens e sons, podem ser analisadas para compreender aspectos subjetivos e culturais dos fenômenos estudados. Bauer e Gaskell (2017) destacam que: “em contraste, a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa macia. O protótipo mais conhecido é, provavelmente, a entrevista em profundidade” (Bauer; Gaskell, 2017, p. 22).

CAPÍTULO 3 – REFERENCIAL TEÓRICO

Os autores desta pesquisa foram os anciãos da comunidade, com experiência no cultivo e na preservação das sementes crioulas. Além disso, a pesquisa foi fundamentada em textos acadêmicos e em estudos de pesquisadores que contribuíram com a temática das sementes crioulas para o desenvolvimento deste trabalho. Com base nas narrativas dos entrevistados, utilizaram-se também registros fotográficos das técnicas agrícolas e dos tipos de sementes crioulas. Esta pesquisa contém registros de falas e memórias que abordam conhecimento, identidade, lutas, resistência e subsistência, fortalecendo os saberes ancestrais e o conhecimento local.

Esta pesquisa aborda as sementes crioulas sob a perspectiva socioeconômica e cultural dos produtores rurais. As sementes crioulas são variedades tradicionais cultivadas e selecionadas pelos agricultores ao longo de gerações, adaptadas às condições locais de cultivo. A valorização dessas sementes contribui para a redução dos custos de produção e para a preservação da diversidade genética e cultural (Pereira; Socorro; Pereira, 2024, p. 1). As sementes crioulas reduzem os custos de produção em relação aos insumos químicos, pois o manejo com adubos orgânicos é suficiente para a produção agrícola, preservando a genética e a cultura associadas a essas sementes.

A utilização das sementes crioulas fortalece a identidade cultural dos agricultores e sua conexão com as tradições locais, além de promover práticas agrícolas sustentáveis. Dessa forma, a presente pesquisa busca compreender como as sementes crioulas contribuem para a valorização dos aspectos socioeconômicos e culturais da Comunidade Kalunga do Vão de Almas. A pesquisa baseia-se em relatos de produtores da própria comunidade e em autores que escreveram sobre o tema abordado nesta monografia, demonstrando os benefícios econômicos, sociais e culturais do uso e da conservação das sementes crioulas.

3.1 Área do estudo: o Vão de Almas

Figura 1 – Comunidade Kalunga do Vão de Almas e seus setores



Fonte**:** Google Earth[1], Anesson Santos (2025).

A **Figura 1** apresenta uma visão geográfica da Comunidade Kalunga do Vão de Almas, permitindo compreender a dimensão do território e os setores nela inseridos. Sendo assim, a importância da terra para a Comunidade Kalunga do Vão de Almas evidencia a identidade cultural dos povos Kalunga que pertencem a esse local.

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (SHPCK) está localizado em três municípios do estado de Goiás: Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. Esses locais abrigam diversas comunidades tradicionais com raízes ancestrais associadas à resistência e à luta pelo território. O SHPCK foi criado com o objetivo de estabelecer regras dentro do território, protegendo os direitos dos povos Kalunga. De acordo com Lima (2012):

[1] Disponível em: https://earth.google.com/web/search/V%c3%a3o+das+Almas,+Cavalcante+-+GO/@-13.4667306,-47.3025245,368.68675458a,4427.14787772d,35y,0h,0t,0r/data=Cm8aQRI7CiUweDkzNDhhZDJiNmYxMWQyNmI6MHg0NzY2NjYxZjc3MzAwYjVmKhItMTMuNDY3NSwgLTQ3LjMwNzQYAiABIiYKJAlDRL5PHFxDQBFDRL5PHFxDwBnl6otsXzZMQCGVjSTs_YNNwEICCAE6AwoBMEICCABKDQj__8BEAA.

> Em 1991 o território Kalunga foi reconhecido pela Lei Complementar do Estado de Goiás, número 11.40991, que em seu texto delimita a área do sítio histórico, prevê a exclusividade da propriedade das terras aos seus habitantes, bem como a desapropriação e a titulação em favor da comunidade (Lima, 2012, p. 3).

A Comunidade Kalunga do Vão de Almas, localizada em Cavalcante-GO, na Chapada dos Veadeiros, a aproximadamente 400 km de Brasília, abriga um território de comunidades negras que adotaram um estilo de vida natural, mantendo sua cultura, o meio ambiente e o sustento por meio da agricultura familiar. A comunidade apresenta uma ampla diversidade de cerrado, florestas, fauna e flora. A conservação do meio ambiente potencializa a produtividade sem a utilização de pesticidas, preservando as plantações, produzindo com a abundância do solo, sem o uso de fertilizantes e sem processos de aprimoramento vegetal. Essa técnica foi aprimorada desde os tempos antigos até os dias atuais, destacando a importância de práticas sustentáveis no manejo da biodiversidade.

Segundo as histórias dos anciãos, a Comunidade Vão de Almas surgiu a partir de grupos de pessoas que se deslocaram para aquele local em busca de abrigo. Ao chegarem, iniciaram a prática de suas tradições e o cultivo para garantir a alimentação. Com o tempo, as pessoas foram se espalhando por diferentes áreas da comunidade, a fim de não permanecerem todas reunidas em um único ponto, e passaram a explorar novos locais, percebendo que a riqueza da terra poderia ser a base de sustento para permanecer naquele território.

Figura 2 – Preservação cultural da Comunidade Kalunga do Vão de Almas



Fonte: Anesson Santos (2020).

A **Figura 2** demonstra a preservação da biodiversidade e o esforço da comunidade em manter suas práticas e tradições culturais sem agredir o meio ambiente. Diante disso, o vínculo entre o meio ambiente e o cultivo das sementes crioulas resulta na preservação da identidade cultural e do bioma existente na comunidade.

Atualmente, a comunidade tem passado por mudanças tanto positivas quanto negativas em seu desenvolvimento. Entre os aspectos positivos, destaca-se o acesso facilitado à comunidade, que anteriormente só podia ser realizado no lombo de animais, além do fortalecimento da cultura local, que recebeu reconhecimento em nível nacional.

Por outro lado, as mudanças climáticas trouxeram impactos negativos, alterando os períodos de plantio ao longo dos anos e resultando na perda de algumas sementes. Apesar de preservar o meio ambiente, a comunidade também foi negligenciada em projetos políticos, sofrendo com a redução das políticas públicas governamentais.

Em 2010, iniciou-se o acesso por transporte automotivo, com veículos 4x4, que permanece até os dias atuais. Essa mudança possibilitou a primeira via de acesso para carros, transformando o transporte de alimentos e pessoas.

Com a abertura da estrada, a comunidade passou por várias transformações, entre elas o acesso à energia elétrica em 2016, a criação de novas escolas e a garantia da alimentação escolar, que antes era de difícil transporte a cavalo. Com essas mudanças, a comunidade passou a adquirir eletrodomésticos para conservar os produtos naturais e os provenientes do extrativismo do cerrado.

De acordo com a Agência Sebrae Goiás, o quilombo Kalunga é um dos maiores do Brasil, com 262 mil hectares, 39 comunidades e aproximadamente 9 mil pessoas. Foi construído a partir da luta contra a escravidão no passado, surgindo como resultado das fugas de populações indígenas e de pessoas escravizadas que buscavam refúgio e paz para desenvolver suas tradições. Ao chegarem, formaram grupos coletivos para abrigar-se e ocupar diferentes áreas da comunidade. A comunidade quilombola, formada por pessoas que sobreviveram à escravidão, constituiu-se como independente e forte na região. Como diz o trecho do poema de Adão Fernandes: “Kalunga um povo ancestral, lutou contra a escravidão, que ainda luta contra toda forma de opressão...Tem lutado pela vida e vivido na ‘escuridão’, resistido ao sistema que sempre diz não” (Fernandes, 2020).

A Comunidade do Vão de Almas é reconhecida por sua história e cultura, pois representa a luta e a resistência do povo Kalunga ao longo do século XX. O setor onde residi e a Fazenda Córrego de Areia são áreas que foram habitadas por meus bisavós e avós, mas hoje apenas meus pais permanecem no local. Os demais se deslocaram para outros lugares devido ao fato de ser uma tapera (local de moradia antiga) e à escassez de água. Atualmente, com as mudanças climáticas, o Córrego de Areia – que antigamente não secava –, nos períodos de julho mantém apenas alguns poços de água, suficientes para garantir a sobrevivência dos animais. Para continuar habitando o local, foi aberto um poço artesiano.

O Sítio Histórico Kalunga (SHK), assim como outras áreas de quilombos no Brasil, representa uma das maiores expressões de luta, sobretudo pela terra, resistindo ao sistema colonial-escravista e abordando questões estruturais em diferentes períodos histórico-culturais do país. Os africanos escravizados e seus descendentes nascidos no Brasil lideraram e orientaram essa luta. Os primeiros

africanos trazidos como escravizados para o Brasil vieram da costa da África Ocidental (Baiocchi, 1982).

As pessoas que chegaram à região foram chamadas de “negros”, “guinés”, “congos cabinas” e por muitos outros nomes. Essas denominações geralmente se referiam ao porto de onde vinham, e não à comunidade a que pertenciam. Além de preservar a herança cultural, elas enfatizam a conexão entre a sustentabilidade e o meio ambiente por meio da prática da agricultura familiar agroecológica e da valorização dos recursos naturais, em respeito ao meio ambiente.

Os membros da Comunidade do Vão de Almas são conectados por laços de parentesco, formando verdadeiros núcleos familiares com pais, irmãos, tios e avós (Silva, 2013). A preservação da cultura transmitida de geração em geração representa um esforço para fortalecer a herança ancestral e o patrimônio histórico-cultural. Além da cultura, a produção agrícola, o contato com a natureza, os costumes e outras práticas contribuem para a preservação ambiental, buscando compreender o que é essencial para mantê-la. O trecho do poema de Adão Fernandes recita: “a nossa história te preocupa, tenha medo da nossa geração... A cada árvore derrubada nascem 10 galhos do chão, cada galho se torna um tronco, mais resistente à opressão” (Fernandes, 2020). Esse trecho relata a força de resistência do povo Kalunga em relação à natureza. Ou seja, nossas resistências não apagarão quem somos, e novas forças surgirão para a luta cultural e ambiental contra a implantação de usinas hidrelétricas, cuja construção buscamos impedir dentro da comunidade, pois devasta toda a preservação ambiental e ameaça a própria comunidade.

A preservação da cultura transmitida de geração em geração representa um esforço para fortalecer o patrimônio cultural e a herança ancestral. Segundo Boff (2017), essa preservação não apenas mantém a herança cultural, mas também enfatiza a conexão entre a sustentabilidade e o meio ambiente, cultivando a agricultura familiar agroecológica e valorizando o uso econômico dos recursos naturais. Além da cultura, da produção, da interação com a natureza, das tradições e de outros métodos que contribuem para a preservação ambiental, os Kalunga buscam compreender o que é essencial para conservar o meio ambiente. O povo Kalunga mantém uma forte conexão com a natureza, de acordo com o Ministério da Educação (MEC):

> [...] o povo Kalunga, que dependia do conhecimento da natureza para sua sobrevivência, aprendeu também a preservá-la. Esses descendentes de africanos, que respeitavam os seus antepassados, sabiam que a natureza devia ser respeitada para que seus recursos pudessem ser utilizados pelos seus filhos e netos e netos dos seus netos. Esse conhecimento até hoje faz parte do seu modo de vida do povo Kalunga (Brasil, 2001, p. 36).

Para manter a agricultura cultivada nas roças, o respeito pela natureza contribui para o processo de conservação do meio ambiente. O desmatamento é realizado apenas para a formação do plantio, e todos os membros da família, incluindo mãe, pai, filhos e netos, participam do processo de sustento da agricultura familiar.

Apesar das mudanças climáticas, da escassez de chuvas e da degradação do ecossistema de fauna e flora nas comunidades, ainda persiste o interesse em preservar os bens e a cultura herdados de nossos antepassados. Um exemplo disso é o plantio da roça de toco, que continua sendo praticado na comunidade.

Felizmente, a agricultura moderna não conseguiu extinguir as práticas quilombolas herdadas dos antepassados, pois a roça de toco representa a união entre produção e preservação ambiental. Essa prática contribui para a conservação do solo, a manutenção da biodiversidade, o aumento da fertilidade e a redução de pragas e doenças nas plantações (Santos, 2015).

As roças são preparadas durante o período da seca, a partir do mês de julho, podendo se estender até outubro. É importante ressaltar que, quando abertas do zero, passam por um processo longo, que inclui a escolha do local, a derrubada das pequenas árvores e a secagem da vegetação, que dura aproximadamente dois meses. Por isso, é essencial iniciar a derrubada na data correta, pois, se realizada muito próxima ao período chuvoso, não será possível realizar a queima, o que inviabiliza o plantio e obriga a comunidade a adiar o cultivo para o ano seguinte.

> Quando íamos desmatar para plantar, primeiro tirávamos a mata rala, os galhos secos, e deixávamos secar por um tempo. Quando planejávamos queimar, quinze dias antes de botar fogo, derrubávamos a mata grossa. Passados os quinze dias, podíamos queimar, dependendo de como estivesse o sol, porque a mata fina servia de cama para fogo. A mata grossa caía por cima e o fogo queimava só as folhas e a mata fina, madeira que não servia para nada (Santos, 2015, p. 59).

Segundo Santos (2015), essa prática agrícola adotada pela comunidade contribui para a adubação do solo. Durante a queima, ocorre a liberação de energia e nutrientes, o que auxilia no processo de germinação das sementes e acelera seu

crescimento. Dessa forma, as sementes de ciclo curto apresentam maior eficácia na produção de alimentos.

Figura 3 – Roça de arroz com apenas 1 mês



Fonte: Isadora Santos (2025).

A **Figura 3** apresenta o início do ciclo do arroz, ilustrando o desenvolvimento das sementes crioulas na roça de toco durante o primeiro mês de plantio. A imagem destaca o cuidado no cultivo e a relação entre o conhecimento tradicional e as práticas agrícolas sustentáveis, realizadas sem o uso de fertilizantes químicos, reforçando a sustentabilidade do método tradicional de produção.

Os períodos de plantio iniciam-se em outubro e podem se estender até janeiro, dependendo das condições climáticas. Ressalta-se que o plantio realizado em janeiro apresenta maior risco, pois está diretamente condicionado às chuvas para garantir boa produtividade. Além disso, as plantas cultivadas nesse mês costumam ser alocadas em áreas onde outras não germinaram. No entanto, a expectativa de produção nesse período não é elevada, em razão da redução do volume de chuvas. Caso as plantas ainda não estejam suficientemente enraizadas quando a pluviosidade diminuir, há risco de não sobreviverem.

Antigamente, o plantio de sementes crioulas garantia boa produção e o desenvolvimento dos alimentos. No entanto, ao longo dos anos, as mudanças climáticas, especialmente a escassez de chuvas, passaram a comprometer a produtividade local. Diante dessa situação, os agricultores começaram a perceber tais

alterações com a perda de algumas roças e, assim, ajustaram o calendário de plantio, concentrando-o nos meses de novembro e dezembro, quando havia maior regularidade das chuvas. Esse ajuste constituiu uma forma de adaptação às novas condições climáticas, buscando preservar a produção agrícola e garantir o sustento da comunidade.

As sementes de rápida germinação são plantadas de forma diferente das demais para evitar perdas. Ou seja, aquelas de rápido cultivo e pequeno porte são inseridas em solo siltoso, que retém melhor a água e apresenta maior fertilidade, favorecendo seu desenvolvimento acelerado. Já as sementes de ciclo longo são cultivadas em solo arenoso. Essa variação permite garantir boa produtividade no momento da colheita.

Nesse período, é importante ressaltar que, logo após a plantação das sementes, é necessário realizar várias limpezas para que as “mundiças” (plantas invasoras) não prejudiquem o cultivo. A frequência da capina varia conforme o volume de chuvas: em períodos de muita chuva, é preciso capinar mais vezes; já em períodos de menor pluviosidade, a capina ocorre com menor frequência. No entanto, recomenda-se capinar a roça, no mínimo, três vezes após o plantio. Durante esse processo, também se avalia a necessidade de replantio, o que depende da qualidade das sementes e da presença de predadores.

A colheita das sementes ocorre de forma variável. O arroz, por exemplo, é um alimento de longa duração cuja colheita leva de três a quatro meses, dependendo do período em que foi plantado. Algumas sementes, mesmo quando replantadas, são colhidas coletivamente, como a mandioca, o milho e o próprio arroz. Além disso, nas sementes de ciclo longo, o processo de germinação acompanha o das demais plantas durante a fotossíntese, ou seja, as sementes replantadas interagem com as outras, favorecendo seu desenvolvimento.

3.2 Sustentabilidade cultural no campo

Figura 4 – Roça de arroz



Fonte: Anesson Santos (2022).

Nesse registro da **Figura 4**, observa-se o desenvolvimento mais avançado do plantio do arroz, evidenciando a perspectiva de boa produtividade a partir das práticas agrícolas tradicionais utilizadas pela comunidade. A imagem mostra a vitalidade das plantas e ressalta a importância do conhecimento transmitido entre gerações para garantir as colheitas. A preservação dos valores culturais, bem como dos recursos naturais, caracteriza a chamada sustentabilidade cultural. Trata-se de um método que preserva a identidade da comunidade sem comprometer os recursos naturais, as gerações futuras ou a vida contemporânea da própria comunidade.

O termo **“sustentável”** deriva do conceito de **“desenvolvimento sustentável”** (Sato; Carvalho, 2009, p. 22, grifo dos autores). Silva (2012) discute a relação entre os conceitos de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, destacando que o primeiro tem sido apropriado pelo capital em uma disputa ideológica, associando-se à exploração dos recursos naturais, enquanto a sustentabilidade está vinculada à agricultura camponesa, revelando um caráter mais econômico e ambiental. Nesse sentido, o desenvolvimento sustentável propõe estratégias para um modelo que se afirma sustentável, mas que, em essência, favorece prioritariamente o crescimento econômico. Já a Comunidade Vão de Almas promove a sustentabilidade por meio de práticas tradicionais que conservam os

recursos naturais, realizam o manejo sustentável da terra e asseguram a preservação da biodiversidade do cerrado.

De acordo com Boff (2017), o bem comum, entendido como a garantia de que o benefício obtido por uma parte não resulte em prejuízos para outra, deve constituir a base de qualquer movimento sustentável em escala planetária. A sustentabilidade, nesse sentido, propõe vínculos fundamentados em métodos de preservação ambiental, assegurando a disponibilidade equilibrada dos componentes do meio ambiente sem comprometer uns em detrimento de outros.

Segundo Pereira (2010), a sustentabilidade cultural reconhece e apoia a preservação da cultura comunitária. Diversas tradições e costumes são desenvolvidos no âmbito da comunidade e devem ser respeitados. A sustentabilidade, nesse sentido, contempla uma variedade de perspectivas e formas de interação com o mundo. Já Ruscheinsky (2004) apresenta um relatório que discute a sustentabilidade sob diferentes dimensões.

A sustentabilidade manifesta-se quando a prática humana, por meio do desenvolvimento e da intervenção social, é capaz de criar condições sustentáveis em termos econômicos, sociais e ambientais. Esses três eixos (econômico, social e ambiental) estão intrinsecamente relacionados à sustentabilidade, desde que a interação entre a humanidade e a natureza seja pautada pela valorização e pelo respeito aos recursos ambientais (Ruscheinsky, 2004).

Nesse sentido, é importante destacar que a dimensão cultural da sustentabilidade deve ser compreendida como um componente complementar à sustentabilidade social, conferindo-lhe evidência e valor. Sua inserção amplia a possibilidade de considerar as diferentes formas de perceber e interagir com o mundo, reconhecendo a pluralidade de visões e práticas culturais que compõem a relação entre sociedade e natureza.

Segundo Silva (2020), o papel da cultura no desenvolvimento de uma comunidade é amplamente reconhecido. Há uma grande variedade de tradições e conhecimentos enraizados, sendo, portanto, fundamental aplicar os costumes culturais dos povos da comunidade para proteger o patrimônio ambiental. Na agricultura, a sustentabilidade cultural consiste em manter as práticas agrícolas tradicionais, adaptando-as aos requisitos e valores culturais. O respeito pelos ciclos naturais, o uso de métodos agrícolas transmitidos de geração em geração e a

utilização de variedades de plantas nativas e adaptadas ao local fazem parte do resgate da cultura e da memória dos anciãos.

Além disso, a sustentabilidade requer o reconhecimento e o respeito pelos conhecimentos e habilidades tradicionais dos agricultores locais, incorporando práticas de manejo sustentável da terra e dos recursos naturais. Os métodos de produção agrícola envolvem o desenvolvimento de técnicas que não comprometem o meio ambiente, constituindo um fator essencial para a promoção da sustentabilidade cultural. Nesse sentido, prioriza-se a manutenção dos recursos naturais e a produção de alimentos de forma natural, fortalecendo a comunidade. Trata-se de um respeito pela atividade agrícola que cresceu em harmonia com a natureza e pelo modo de produção comunitário que os ancestrais ainda preservam. Segundo Oliveira (2011), esse aspecto implica conhecer o sistema cultural rural ancestral associado à agricultura, de modo a reconhecer os habitantes que tradicionalmente viviam nessas áreas.

A principal atividade econômica da Comunidade Kalunga do Vão de Almas é a agricultura voltada para o consumo próprio, caracterizada pela predominância do trabalho manual. Nesse contexto, a agricultura familiar não apenas se destaca como a principal atividade econômica, mas também define o modo de vida local. O processo de produção ocorre uma vez ao ano, estendendo-se de novembro a maio. O plantio das sementes crioulas inicia-se em novembro, durante o período de chuvas, e a colheita é realizada em maio.

No plantio, utilizamos apenas o que vem diretamente da natureza: derrubamos árvores, realizamos a queima, limpamos o terreno para iniciar a produção e aguardamos a chegada das chuvas. Atualmente, a comunidade mantém seu caráter produtivo de subsistência, cultivando principalmente mandioca, milho, feijão e arroz. As roças de toco vão além do simples plantio, sendo reconhecidas como patrimônio cultural que se transmite de geração em geração, fortalecendo a identidade comunitária. A enxada é utilizada para capinar a vegetação, abrir aceiros e, em seguida, controlar a passagem do fogo. Planta-se por dois ou três anos no mesmo local e, posteriormente, o solo é deixado em descanso por alguns anos. Muitas vezes, quando a terra está em pousio, não realizamos o plantio, mas buscamos outras áreas para cultivo. Isso ocorre porque, se permanecermos no mesmo lugar por vários anos, a terra perde sua matéria orgânica, o solo torna-se arenoso e a degradação

compromete sua capacidade de infiltração, exigindo a recomposição dos compostos orgânicos.

Figura 5 – Roça de toco plantio de arroz



Fonte: Isadora Santos (2025).

A **Figura 5** demonstra a evolução do desenvolvimento do plantio de arroz. Observa-se que a roça foi preparada recentemente. As árvores de grande porte foram deixadas no interior da área de cultivo, o que pode apresentar certa dificuldade durante a limpeza do arroz, mas não compromete seu desempenho produtivo.

As roças de toco são estabelecidas próximas a fontes de água, geralmente às margens dos rios, e muitas vezes ficam inundadas durante períodos de chuva intensa. Além da agricultura, a comunidade depende do extrativismo de espécies nativas, como jatobá, gueroba, pequi, baru, cagaita, mangaba, baquari, caju, coco indaiá, buriti e licuri. Os agricultores também cultivam uma ampla variedade de frutas e hortaliças nas proximidades das residências. Vieira (2007) enfatiza que esse método de interação com a natureza gera resultados positivos, como o aumento da diversidade da flora e fauna e a melhoria da conservação ambiental. Dessa forma, as

comunidades trabalham coletivamente na produção de conhecimento, visando garantir a sustentabilidade dos ecossistemas.

O modo de viver, a relação com a natureza e os laços com a terra constituem alguns dos indicadores da resistência e da força desses afrodescendentes. Eles continuam a lutar para preservar suas raízes e contribuir para a conservação do Cerrado brasileiro. Baiocchi (1982) afirma que a manutenção de um verdadeiro "santuário ecológico" foi possível graças à economia Kalunga, que não degrada o solo. Nesse espaço, a natureza se reproduz e perpetua a vida.

3.3 Produção de agricultura quilombola sementes crioulas no Vão de Almas

As sementes crioulas estão diretamente relacionadas à preservação da biodiversidade e à soberania alimentar da comunidade. Segundo diferentes autores, o conceito de sementes crioulas pode ser compreendido de diversas maneiras. De acordo com Maronhas, Silva e Görgen (2021):

> Semente crioula é o conceito utilizado para identificar as partes reprodutivas de vegetais e animais, sejam estas sementes, caules, rizomas, tubérculos e, no caso dos animais, eles próprios. O termo faz referência a uma grande diversidade de espécies que foram selecionadas, cuidadas, melhoradas e preservadas pelos seres humanos e que hoje se encontram nas mãos de agricultoras e agricultores camponeses, diversos povos indígenas e comunidades tradicionais, como quilombolas, vazanteiros e outros, que são também guardiãs e guardiões de sementes (Maronhas; Silva; Görgen, 2021, p. 684-685).

Eitel (2021) aborda o conceito de sementes crioulas da seguinte maneira: "semente crioula é o material cultivado localmente, geração após geração, o que determina a sua adaptação à comunidade onde está sendo cultivado, pelos camponeses que ali habitam. A semente é selecionada pelo método de seleção massal" (Eitel, 2021, p. 703).

Vale ressaltar que o conceito de sementes crioulas pode assumir diferentes definições, mas está diretamente relacionado à biodiversidade e à sustentabilidade agrícola, contribuindo para a manutenção da diversidade genética e para a preservação dos saberes ancestrais. O uso dessas sementes resgata e valoriza a agricultura tradicional, além de promover o manejo agroecológico voltado à conservação dos recursos naturais.

Figura 6 – Sementes crioulas selecionada para plantio



Fonte: Anesson Santos (2020).

Esse registro da **Figura 6** reforça a resistência dos camponeses diante das sementes crioulas, destacando a importância da produção agrícola na comunidade e apresentando a variedade de sementes que são armazenadas e plantadas anualmente. Essa prática não apenas fortalece a soberania alimentar local, mas também preserva a biodiversidade e os saberes ancestrais.

A semente crioula tem sido guardada e aprimorada há milhares de anos pelos povos camponeses e indígenas em diversas partes do mundo. Além disso, sua preservação, associada à preservação ambiental e à soberania alimentar, fortalece a identidade local. De acordo com Alves, Marques e Mendonça (2011, p. 3), “as sementes crioulas garantem ao campesinato e à humanidade a diversidade étnico-ambiental que herdamos”. Nesse sentido, a semente crioula não apenas garante o alimento, mas também representa a conexão dos povos com a terra e a natureza, possuindo grande significado nas lutas dos camponeses.

Desde o início da humanidade, agricultores – em especial as mulheres – têm preservado, selecionado e melhorado sementes, o que resultou em uma grande diversidade de cultivos utilizados na produção agrícola. Uma das riquezas herdadas de nossos antepassados são as sementes crioulas. Essa herança é guardada e transmitida de geração em geração por diversos agricultores da comunidade, garantindo a continuidade da ancestralidade. Naturalmente, essas sementes fornecem um forte apoio à identidade cultural local. A caracterização das sementes crioulas pode ser explicada da seguinte forma:

> Sementes crioulas são usadas pelas comunidades agrícolas tradicionais porque são uniformes e não sofreram modificações genéticas. Estas são criações coletivas dos povos, das experiências camponesas e indígenas, principalmente das mulheres, que permaneceram como suas principais guardiãs e foram as primeiras a cultivarem (Bessa; Ventura; Alves, 2017).

Bessa, Ventura e Alves (2017) afirmam que as experiências vividas pelos povos tradicionais, assim como os métodos de conservação das sementes crioulas, foram desenvolvidos principalmente pelas mulheres, com o objetivo de garantir a preservação cultural das sementes nativas locais. Esses saberes são transmitidos de geração em geração, assegurando a continuidade da produção agrícola e a adaptação das sementes às condições locais.

O método de conservação utilizado pela Comunidade Kalunga do Vão de Almas, em continuidade às práticas dos povos ancestrais, permanece em uso até os dias atuais. Entretanto, algumas sementes nativas locais, como o feijão bolinha, o feijão roxo, o arroz pratão e o arroz taquari, foram perdidas. Para evitar novas perdas, a comunidade mantém a utilização dessas técnicas de conservação das sementes crioulas. A substituição de determinadas variedades ocorreu porque o lucro obtido com seu cultivo não era significativo, o que levou à adoção de outras sementes.

Tabela 1 – Sementes crioulas existentes na comunidade

Classe	Espécies	Ciclo
Feijão	Manteiga, Amarelinho, Carioca, Roxinho	3 meses
Arroz	Bico Roxo, Novato, Chapadeiro, Tigreiro, Xandu	3 a 4 meses
Banana	Prata, Maçã, Pratana, Nanica, Roxa Virada, Roxa Vermelha, Moça, Nanicana, Maraença	11 a 13 meses
Milho	Amarelo	3 a 4 meses
Cana	Caiana, 120, Riscada, Roxa	8 a 10 meses
Mandioca	Mata-fome, Cabim, Roxinha, Para-mista, Manteiga, Pipiri, Casco de Burro, Galheirinha, Castelo, Rio Verde	8 a 10 meses
Gergelim	Roxo	4 meses
Melancia	Vermelha, Amarela, Branca	60 dias
Abóbora	Coração de Boi, Lisa, Morango	60 dias
Mamão	Formosa, Papaia	8 a 10 meses

A conservação das sementes crioulas pode ser realizada de acordo com os métodos aplicados pelos anciãos. Exemplos incluem: armazenar o feijão em cinzas de fogo no surrão ou em garrafas de plástico; secar abóbora e melancia ao sol ou no vapor do fogo; cortar e enterrar a maniva da mandioca em locais úmidos; e acondicionar o gergelim em garrafas de plástico, sacos de linhagem ou em aguarito, entre outros. Essas formas de conservação constituíam o principal meio de evitar o ataque do caruncho. Em alguns casos, parte das sementes era perdida, mas outra parte era preservada graças a esses métodos. Trata-se de práticas herdadas dos ancestrais e transmitidas de geração em geração. Conforme destacam os autores:

> O resgate das sementes crioulas, mas que garantir a autonomia dos camponeses na produção de alimentos, garante a luta em defesa da soberania alimentar tendo sempre como lema a campanha internacional da Via Campesina – Sementes: Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade, não nas mãos de grandes empresas que têm como única finalidade o uso das sementes para garantir seus lucros, pois sabem que toda a humanidade precisa das sementes, uma vez que sem as mesmas, não há 15 alimentos. Sabemos que as sementes de volta nas mãos dos camponeses e camponesas é a garantia da produção de alimentos saudáveis para a população (Alves; Marques; Mendonça, 2011, p.14).

De acordo com Alves, Marques e Mendonça (2014), a luta camponesa busca assegurar a soberania alimentar por meio do controle da produção de alimentos de forma sustentável, fundamentada no uso das sementes crioulas. A Via Campesina promove a defesa desse bem essencial para todos os agricultores, garantindo alimentos saudáveis, sem o uso de produtos químicos ou sementes transgênicas, além de preservar a diversidade e a conservação das sementes crioulas adaptadas ao clima local.

Figura 7 – Milho e abóbora da Comunidade Kalunga do Vão de Almas



Fonte: Anesson Santos (2020).

A **Figura 7** apresenta a colheita de arroz e abóbora, evidenciando a conexão dos agricultores com a terra e a diversidade da produção agrícola na comunidade. Nesse contexto, ressalta-se a preservação das sementes nativas locais e a garantia de uma alimentação saudável.

A conservação das sementes crioulas pode ser realizada de diferentes maneiras. Por exemplo: a abóbora e a melancia podem ser secas ao sol ou no vapor

do fogo; a mandioca pode ser cortada e enterrada em locais úmidos; o arroz pode ser armazenado em sacos de linhagem, de algodão ou de estopa, a fim de evitar o ataque de caruchos; e o gergelim pode ser guardado em garrafas PET, sacos de linhagem ou em aguarito. Essas formas de conservação constituíam o principal meio de evitar o caruncho. Em alguns casos, parte das sementes era perdida, mas outra parte era preservada. Esses métodos, utilizados pelos ancestrais, foram transmitidos de geração em geração. Atualmente, os agricultores continuam a conservar as sementes de acordo com seus conhecimentos, habilidades e costumes locais.

A maioria das sementes é selecionada, colhida e armazenada separadamente para garantir sua qualidade no próximo plantio, que ocorre com a chegada das chuvas em novembro e de acordo com a fase da lua, geralmente no quarto crescente. Conforme os costumes ancestrais, as fases da lua minguante, cheia e crescente influenciam tanto no desenvolvimento das plantas quanto na colheita, especialmente realizada durante a lua minguante. Por tradição, acredita-se que as fases da lua interferem diretamente na produtividade, garantindo melhores resultados.

As sementes mais produtivas da Comunidade do Vão de Almas são o arroz, o feijão, o milho, o gergelim, o mamão e a mandioca, que garantem uma boa produção mesmo em períodos de pouca chuva. No entanto, esses alimentos atendem diretamente à demanda da comunidade e fortalecem a resistência local na preservação das sementes nativas.

As sementes adicionais, como berinjela, banana, cana-de-açúcar, abóbora, melancia, jiló e quiabo, exigem cuidados específicos, pois muitas vezes são consumidas por animais silvestres. Por esse motivo, essas sementes costumam ser plantadas nos quintais. Ainda hoje, a comunidade mantém o ritmo de antigamente, cultivando diversas variedades de plantas. Como afirmam Pereira e Almeida (2013):

> O quintal de Kalunga é uma área destinada a acumular informações. Em sua maioria, a mulher aplica seus conhecimentos às plantas, sejam elas alimentícias ou medicinais. Os conhecimentos são transmitidos por gerações, de mãe para filha e de avó para neta (Pereira; Almeida, 2013, p. 53).

Segundo Pereira e Almeida (2013), os quintais são ideais para plantações de pequeno porte. Neles, especificamente, são cultivadas verduras, frutas e remédios caseiros destinados ao consumo diário, considerados produções essenciais para a comunidade. Ainda hoje, mantém-se o ritmo de antigamente, com o cultivo de

diferentes tipos de plantas. Esse processo está diretamente ligado à relação entre as gerações ancestrais:

> As tradições e costumes das comunidades negras rurais são constantemente reconstruídos pela interação com as gerações futuras e com as comunidades vizinhas. Não é possível considerar as comunidades rurais negras, sejam elas consideradas remanescentes de quilombos ou não, como grupos 'parados no tempo' (Souza, 2008, p. 78-79).

Souza (2008) afirma que os povos tradicionais não podem abandonar seus costumes e tradições comunitárias, pois continuam a praticar o modo de vida ancestral transmitido ao longo das gerações. O modo de vida da comunidade nunca permaneceu "parado no tempo"; ao contrário, utilizam-se técnicas herdadas dos ancestrais que, além de manterem viva a tradição, não prejudicam o meio ambiente e promovem a sustentabilidade cultural.

No Movimento Camponês Popular (MCP), a produção de sementes de variedades crioulas, que contribui para a preservação das sementes tradicionais, tem desempenhado um papel significativo no fortalecimento da agricultura camponesa.

O MCP, desde sua criação, vem realizando um trabalho com as famílias camponesas para que estas resgatem, produzam e multipliquem as sementes crioulas no estado de Goiás, Brasil. Para o movimento, a conservação das sementes crioulas integra uma campanha mundial pela soberania dos povos em relação à posse de suas sementes, constituindo-se em uma estratégia de segurança e soberania nacional (Alves; Marques; Mendonça, 2011, p. 4).

Segundo Alves, Marques e Mendonça (2011), o objetivo do Movimento Camponês Popular é resgatar, produzir e multiplicar as sementes crioulas, tornando-se essencial para a soberania alimentar e para a preservação de fatores importantes à vida camponesa. A luta desses agricultores está relacionada ao controle do patrimônio do povo, evitando que este seja dominado por grandes empresas. Em outras palavras, a diversidade das plantas é controlada pelos próprios camponeses. Dessa forma, esse controle preserva as sementes, a identidade cultural e a autonomia alimentar de forma saudável.

Outros movimentos camponeses, tais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Articulação do Semiárido (ASA), os Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs), o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (SINTRAF), a Rede Sergipana de Agroecologia (RESEA), a Rede

Plantar para a Vida, associações de agricultores e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), também distribuíram e cuidaram das sementes crioulas, seguindo a mesma prática de plantio da comunidade, como forma de fortalecer a identidade local e de evitar o uso de produtos com agrotóxicos.

Nesse sentido, os camponeses lutaram para preservar as sementes crioulas, a fim de que fossem distribuídas às comunidades tradicionais para conservar os saberes ancestrais, pois isso trouxe importância significativa para o manejo tradicional e para a preservação do meio ambiente. Diante disso, os movimentos e ligas camponesas fortalecem o vínculo da conservação das sementes e da identidade, na perspectiva das lutas coletivas.

Figura 8 – Sementes Crioulas



Fonte: Alexandre Vieira (2024).

A **Figura 8** ilustra o resultado da produção de arroz dentro da comunidade e a aplicação dos saberes tradicionais na agricultura. Diante disso, reforça a conexão entre a terra e os agricultores, demonstrando a possibilidade de uma produção sustentável sem o uso de insumos químicos.

Os camponeses fortalecem a agricultura e resistem à imposição de sementes transgênicas pelas grandes empresas do agronegócio, mantendo, assim, a segurança alimentar da comunidade. Além de preservar a genética das plantas, a conservação das variedades de sementes crioulas também resgata as tradições culturais ancestrais, ajudando os camponeses a se tornarem autossuficientes no que diz

respeito à alimentação, fornecendo alimentos saudáveis para o consumo, fortalecendo a identidade e resistindo ao agronegócio.

Ao contrário das sementes comerciais, as variedades de sementes crioulas são adaptadas às condições do solo e do clima, tornando-as mais resistentes às adversidades climáticas locais. Portanto, as sementes crioulas desempenham um papel fundamental na sustentabilidade. A conservação das sementes crioulas ajuda os agricultores a se adaptarem localmente e contribui de forma cultural e ambiental.

A integração de práticas agrícolas ecológicas em um sistema agrícola pode favorecer a transição para modelos mais resilientes e sustentáveis. Para garantir a segurança alimentar, a soberania dos agricultores e a preservação do meio ambiente, é fundamental priorizar a conservação dos recursos naturais e o conhecimento tradicional, valorizando a diversidade de culturas, a redução do uso de insumos químicos e a promoção da biodiversidade. Além disso, a agroecologia contribui para o desenvolvimento rural e a equidade de gênero, promovendo um sistema mais inclusivo e sustentável, que valoriza os saberes locais. O conhecimento sobre o mês de plantio, a colheita e a preparação da terra estabelece a base para a produção agrícola por meio das sementes crioulas.

Temos uma grande colheita de sementes crioulas, como arroz e mandioca, com alta produtividade. A comunidade mede o plantio de arroz por meio de um "prato", que equivale a 2 litros. Essas colheitas variam conforme cada planta, pois, quanto maior a roça, maior o plantio e a produção, e mais demorada é a colheita.

3.4 Quilombos, quilombolas e sementes crioulas

Figura 9 – Tradição Kalunga



Anesson Santos (2024)

A **Figura 9** apresenta a tradição local celebrada no mês de agosto, sendo uma forte ligação com a cultura e a identidade local, na qual é de suma importância a conexão dos saberes ancestrais interligados com outras comunidades. Diante disso, forma-se a reunião de diversos grupos de pessoas para realizar essa celebração.

Os quilombos são comunidades formadas por diversos grupos de pessoas que fugiram da escravidão, incluindo indígenas e pessoas escravizadas. A partir desse contraponto, uniram-se e construíram famílias, mantendo suas tradições, valores e costumes, que ainda hoje são importantes para a identidade e a cultura. Os povos quilombolas possuem uma cultura e tradição marcantes, pois preservam saberes ancestrais e os transmitem de geração em geração. São povos de luta, cuja identidade é fortemente pautada na cultura, na tradição e nos conhecimentos herdados de seus antepassados. De acordo com Gomes (2015):

> No século XVII, a palavra quilombo também era associada aos guerreiros imbangalas (jagas) e seus rituais de iniciação. Já mocambo, ou mukambu tanto em kimbundu como em kicongo (línguas de várias partes da África Central), significava pau de fieira, tipo de suportes com forquilhas utilizados para erguer choupanas nos acampamentos (Gomes, 2015, p. 6).

Segundo Gomes (2015), o quilombo está relacionado aos guerreiros Imbangalas, que passaram a constituir uma comunidade de resistência formada por pessoas escravizadas no Brasil. Dessa forma, quando esses indivíduos fugiam e começavam a se organizar de maneira mais estruturada, resistindo ao período colonial, adotavam suas práticas tradicionais. Um exemplo disso é a Comunidade Kalunga do Vão de Almas, que foi se formando aos poucos, sem uma moradia fixa, pois seus integrantes não sabiam se permaneceriam naquele local. Para complementar essa reflexão, trago como referência a fala dos autores Gasparotto e Teló (2015):

> Quilombos são comunidades negras rurais ou urbanas que possuem trajetórias históricas, culturais, políticas, sociais e econômicas específicas ligadas à ocupação territorial, vínculos étnico-raciais e resistência à escravidão. Podemos chamar esses aspectos de identidade quilombola (Gasparotto; Teló, 2015).

De acordo com Gasparotto e Teló (2015), os quilombos representam trajetórias históricas percorridas ao longo dos anos, carregando um forte simbolismo enraizado em suas histórias de vida. Um exemplo disso é a Comunidade Kalunga do Vão de

Almas, que possui grande importância histórica, preservando saberes ancestrais, relatos de luta e manifestações culturais. A identidade quilombola dos povos ancestrais está profundamente ligada à luta pela terra e à preservação das sementes crioulas, estabelecendo um vínculo significativo com a agricultura de subsistência.

O trecho do poema “Resistir para existir” esclarece: “malditas sejam as mãos que hoje nos tocam tentando nos sufocar. As armas que nos ferem tentando nos derrubar. As grades que nos cercam tentando nos encurralar. Seja no QUILOMBO rural, urbano ou em qualquer situação... Malditas são...” (Fernandes, 2020).

O trecho desse poema relata a opressão e o silenciamento dos povos negros e quilombolas, que enfrentam o racismo estrutural contra as lideranças quilombolas que lutam pela terra, buscam direitos iguais, afirmam a sua existência e reivindicam políticas públicas. Diante disso, evidencia-se a luta e a resistência das comunidades pela busca de reconhecimento e direitos sobre seu território.

Segundo os anciãos da comunidade, no século XX, o território do Vão de Almas era habitado apenas por indígenas, que posteriormente se deslocaram para o estado do Tocantins, e por povos tradicionais que viviam sem sofrer opressão dentro da comunidade. No entanto, essa opressão já existia de outras formas, pois os anciãos não tinham reconhecimento, apesar de relatarem uma sensação maior de liberdade dentro do território. O poema “Resistir para existir” demonstra o passado dos ancestrais ao afirmar que: “a cada ano passado, vemos de perto a morte da nossa nação, lutando por nossos direitos até enxerga-los meio ao vão. Povo negro, de direito só tinha a morte, até a alma era aprisionada nas correntes da escravidão” (Fernandes, 2020).

Nesse sentido, Fernandes (2020) relata a história de lutas e resistências dos povos negros, evidenciando o apagamento da identidade cultural. Diante disso, a cada ano que passa, a luta pela nossa existência permanece constante, resgatando a memória da resistência negra e denunciando as desigualdades que ainda persistem.

Na década de 1990, os indígenas já não estavam mais presentes na comunidade, e começaram a chegar pessoas externas (brancas). Diante dessa presença, os moradores locais corriam e se escondiam, temendo que fossem invasores de terras, uma vez que nunca haviam tido contato direto com indivíduos de fora. Segundo os anciãos, o primeiro visitante a permanecer na comunidade por alguns anos foi o frei Vanderlei, que passou a ministrar aulas para diversos alunos da região.

De acordo com pesquisas realizadas por Mari de Nasaré Baiocchi, as terras dos Kalunga começaram a ser griladas em 1942, com o avanço da expansão para o norte do estado de Goiás. Esse processo de grilagem intensificou-se na década de 1960, após a transferência da capital para Brasília, localizada a aproximadamente 250 km do território tradicional Kalunga. Nas décadas seguintes, até 1990, mais de duas dezenas de mineradoras, empresas agropecuárias e hidrelétricas se apropriaram de partes do território Kalunga. Esse processo pode ser compreendido a partir de quatro marcos históricos: em 1975, inicia-se a demanda pela posse da terra; em 1991, o governo estadual reconhece o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga; em 2000, a comunidade é oficialmente reconhecida pela Fundação Cultural Palmares; e, em 2014, ocorre a entrega definitiva da primeira parcela de terras à comunidade (Baiocchi, 2008).

No século XXI, a luta pela permanência no território permanece ativa. Um exemplo recente é a resistência contra a construção da barragem no Rio Branco, que mobilizou manifestações com o objetivo de impedir sua implementação e preservar o modo de vida tradicional da comunidade. O reconhecimento e a valorização do território seguem sendo pautas centrais, impulsionadas pelos próprios moradores e anciãos. Nesse sentido, Gasparotto e Teló (2015) relatam que:

> Ainda hoje, as principais bandeiras da população quilombola são o reconhecimento da identidade, titulação dos territórios e outras políticas públicas. Essas bandeiras constituem uma força que vem do passado e chega ao presente para pensar e garantir a vida das futuras gerações (Gasparotto; Teló, 2015).

De acordo com Gasparotto e Teló (2015), a luta pelo reconhecimento quilombola envolve a resistência de pessoas que enfrentaram a opressão em busca da valorização de sua identidade como patrimônio cultural e histórico do Brasil. No entanto, a titulação das comunidades quilombolas ainda enfrenta desafios e ameaças, o que dificulta a garantia da segurança da terra. Além disso, a valorização das tradições está diretamente relacionada à necessidade de políticas públicas que assegurem o acesso à educação de qualidade, o fortalecimento da agricultura familiar e a efetivação de outros direitos fundamentais.

A conservação e a preservação das sementes crioulas constituem práticas essenciais em muitas comunidades rurais e quilombolas, pois representam uma forma de manter vivo o patrimônio genético, social e histórico desses territórios. A

comunidade quilombola Vão de Almas, por exemplo, é composta por famílias que vivem da agricultura de subsistência e preservam as tradições e a cultura herdadas de seus antepassados.

Figura 10 – Roça de arroz



Fonte: Anesson Santos (2019).

A **Figura 10** ilustra a sustentabilidade cultural, evidenciada pela expectativa de uma boa produção das sementes. Nesse contexto, os conhecimentos ancestrais aplicados ao plantio, aliados à adaptação às condições climáticas locais, tornam-se fundamentais para garantir uma colheita sustentável.

Segundo Silva e Souza (2015), os quilombolas são povos que cuidam da preservação da natureza, incluindo o Cerrado, uma vez que seus territórios estão inseridos nesse bioma. Na Comunidade do Vão de Almas, muitas famílias colhem frutos do Cerrado para a subsistência, e a prática de preservação das sementes crioulas é recorrente. As famílias locais seguem o modelo de agricultura familiar, armazenando sementes para o período de plantio, o que garante a continuidade da produção agrícola. Nesse contexto, Gomes (2015) destaca que:

> Qual era a base da economia quilombola? O melhor seria falar em múltiplas estruturas socioeconômicas, pois fatores geográficos, demográficos e culturais interferiram na montagem dela. O mais importante – em qualquer período ou local – foi o não isolamento. Houve quem dissesse que os quilombos/ mocambos se isolaram do restante da sociedade e que tal isolamento – via de proteção – foi fundamental para sua reprodução. Seriam assim construídas imagens de quilombolas localizados em montanhas e planaltos, incrustados em serras ou áreas inóspitas de sertões, bem distantes, nunca localizados ou alcançados (Gomes, 2015, p. 10).

De acordo com Gomes (2015), a economia quilombola não pode ser definida em um único modelo, pois varia conforme as necessidades de cada comunidade. A agricultura de subsistência sempre foi a principal forma de produção, voltada prioritariamente para o consumo próprio. Na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, por exemplo, os meios de produção eram destinados ao sustento familiar ou, eventualmente, à troca em mercados locais, prática utilizada para obter outros alimentos e produtos. Nesses casos, alimentos como arroz, farinha e produtos artesanais eram trocados por mercadorias como sal, agasalhos, óleo, entre outros.

De acordo Gomes (2015), “embora importante – e símbolo das atuais comunidades remanescentes –, a agricultura não foi única na economia quilombola”. A Comunidade Kalunga do Vão de Almas, por exemplo, não se limita à agricultura de subsistência, pois também desenvolve atividades ligadas à pecuária, como a criação de gado, porcos e aves, além de práticas relacionadas à caça e à pesca. Nesse contexto, o isolamento geográfico representava uma estratégia complexa que, ao mesmo tempo, assegurava a sobrevivência e protegia a identidade cultural da comunidade.

> Quilombolas também praticavam o extrativismo. Com deslocamento permanente ocupavam territórios, utilizando recursos hídricos. Para muitos, a caça e a pesca eram fundamentais. A base econômica funcionava em termos de produção e comercialização. Acampamentos mais afastados, entrepostos provisórios para o comércio e a capacidade de articulação com escravos, roceiros e taberneiros transformavam os quilombolas em invisíveis (Gomes, 2015, p. 14).

De acordo com Gomes (2015), as comunidades quilombolas recorriam ao extrativismo como uma importante estratégia de sobrevivência, utilizando recursos naturais – como a caça, a pesca e a coleta de frutos do Cerrado – para complementar a alimentação. Na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, os relatos dos anciãos confirmam que a base da subsistência esteve, historicamente, vinculada ao extrativismo e à agricultura familiar. Contudo, a escassez de alimentos era uma

realidade recorrente, sobretudo nos períodos em que a produção de sementes crioulas não era suficiente para assegurar o sustento até o próximo ciclo agrícola.

Figura 11 – Sementes de feijão manteiga, amarelo, preto e roxo



Anesson Santos (2024)

A **Figura 11** apresenta a riqueza das variedades de feijão cultivadas na comunidade. O registro dessas sementes evidencia o esforço dos camponeses em preservar a diversidade genética, fator essencial para a continuidade da produção agrícola frente às mudanças climáticas. Assim, mesmo diante das transformações ambientais ocorridas ao longo dos anos, a comunidade mantém a conservação da genética das sementes crioulas, assegurando a sustentabilidade cultural e reforçando sua identidade agrícola.

Diante disso, a seleção e o armazenamento das sementes crioulas para o plantio do ano seguinte constituíam práticas essenciais para evitar perdas. Esse processo tinha início já no momento da colheita, quando eram avaliadas a qualidade e a resistência das sementes, que, em seguida, eram expostas ao sol por aproximadamente três a cinco dias para a secagem. Contudo, o armazenamento nem sempre ocorria de maneira adequada, o que comprometia parte da produção. Nesse contexto, Bernardes e Laranjeira (2015, p. 46) destacam que: “tratando-se de modos de produção agrícola, a família sempre se voltou para o preparo da roça, que envolvia várias fases: escolha das sementes crioulas, seguindo a lua, até o plantar e o colher.”

Figura 12 – Colheita de arroz



Alexandre Vieira (2024)

A **Figura 12** destaca o momento da colheita do arroz na comunidade. Esse processo evidencia a valorização do trabalho manual e das técnicas tradicionais de cultivo que garantem a produtividade agrícola. A colheita é realizada em várias etapas sucessivas: inicialmente corta-se o arroz, em seguida realiza-se o transporte e a formação dos montes, como ilustrado na imagem, e, por fim, procede-se à debulha no batedor de madeira.

Essa prática agrícola tradicional ainda é preservada na Comunidade do Vão de Almas, uma vez que os conhecimentos transmitidos pelos anciãos reforçam a influência direta das fases da lua sobre a produção e a germinação das sementes crioulas. De acordo com esses saberes, as sementes não devem ser plantadas durante a lua nova, pois essa fase lunar não favorece o amadurecimento do embrião, tornando-as mais vulneráveis ao ataque de pragas, como o caruncho.

As fases da lua exercem influência direta sobre o desenvolvimento das plantas. A lua crescente favorece um crescimento mais acelerado, possibilitando que as plantas aproveitem melhor os nutrientes disponíveis no solo. Durante a lua cheia, ocorre um acúmulo maior de energia, o que contribui para o aumento da produtividade

e para a transição mais eficiente da fase verde para a madura, resultando em alimentos de melhor qualidade. Já na lua minguante, observa-se maior presença de orvalho e menor incidência de pequenos predadores, dificultando a predação das sementes. Por outro lado, a lua nova é considerada a menos propícia para o plantio e a colheita, uma vez que a baixa luminosidade retarda o desenvolvimento das plantas e favorece a ação de predadores em busca de alimento.

Nesse contexto, a comunidade adota práticas de conservação como forma de proteger a identidade e a continuidade das sementes crioulas. Contudo, observa-se que as novas gerações nem sempre demonstram o mesmo compromisso com o plantio e a preservação dessas sementes, o que pode comprometer a transmissão intergeracional dos saberes tradicionais. Somam-se a esse desafio os impactos das mudanças climáticas, que têm provocado perdas significativas na produção agrícola. Diante dessa realidade, algumas famílias passaram a adquirir sementes comerciais nas cidades, em substituição às variedades tradicionais. Sobre esse aspecto, Laranjeira e Bernardes (2015) ressaltam que:

> Para eles, a questão das sementes está ligada a uma tradição, ao modo de vida que foi desaparecendo. A diferença dessa percepção vem da própria forma de viver de cada faixa etária. A realidade é que as poucas famílias que ainda se mantêm na comunidade não plantam mais como antes (Laranjeira; Bernardes, 2015, p. 47).

Laranjeira e Bernardes (2015) apontam que, enquanto os anciãos valorizam a tradição do plantio e preservação das sementes crioulas, as novas gerações tendem a se afastar dessas práticas, seja pela busca de outras formas de sustento ou pelas dificuldades impostas pelas mudanças climáticas. Apesar disso, a Comunidade Kalunga do Vão de Almas ainda mantém forte a valorização das sementes crioulas, resistindo às adversidades climáticas e preservando sua identidade cultural.

CAPÍTULO 4 – USOS DAS SEMENTES CRIOULAS E SUSTENTABILIDADE CULTURAL NO VÃO DE ALMAS

4.1 Camponeses quilombola do Vão de Almas e sementes crioulas

Nesta parte do estudo, apresenta-se o resultado da pesquisa realizada na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, com o objetivo de compreender o modo de vida e de produção dos antepassados, que a comunidade mantém vivo por meio de suas tradições culturais, preservando o meio e conservando as tradições até os dias atuais.

Para compreender melhor o modo de vida, a cultura e a relação com o meio ambiente na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, realizamos entrevistas com moradores locais. Suas trajetórias de vida nos ajudam a entender como os saberes ancestrais continuam presentes no cotidiano da comunidade. Observe as imagens a seguir: percebe-se a casa do entrevistado em relação à roça de toco, que é plantada próxima à margem do rio para garantir um ambiente úmido e fresco durante o período da seca.

Quando fui realizar as entrevistas, os participantes não sabiam exatamente o que eram as sementes crioulas, pois não conheciam esse termo, mas reconheciam as sementes tradicionais, que eram aquelas plantadas e cultivadas todos os anos. Diante disso, apresentaram apontamentos baseados nos conhecimentos que possuíam sobre as sementes tradicionais, também conhecidas como sementes crioulas. Nesse caso, durante as entrevistas, os participantes compreenderam as sementes crioulas como equivalentes às sementes tradicionais.

As entrevistas foram registradas de acordo com a fala utilizada na comunidade, que apresenta suas variedades linguísticas e formas próprias de expressão, influenciadas pela cultura, história e contexto local. No caso das entrevistas, optou-se por registrar as falas dos entrevistados do mesmo modo que foram ditas, preservando a linguagem natural, sem distorcê-la ou forçar uma normatização que poderia apagá-la. A transcrição das falas de forma coloquial, citadas pelos entrevistados, constitui uma forma legítima de comunicação e torna mais explícito para o leitor que as práticas e saberes locais devem ser valorizados e respeitados.

“Paulo Vieira Maia, 75 anos, lavrador, nasci e vivo na Comunidade do Vão de Almas, fazenda Vazantão, analfabeto e vivo da agricultura familiar”.

Figura 13 – Casa do entrevistado e plantio da roça de toco



Fonte: Google Earth[2], Anesson Santos (2025).

"Sementes crioulas são as que nós cultivamos sem uso de agrotóxicos" (Paulo Vieira Maia).

Tabela 2 – Sementes crioulas da Comunidade do Vão de Almas

Tipo	Variedades Cultivadas no Passado	Variedades Cultivadas Atualmente
Mandioca	Bambu, vindoura, molezinha, formosa, mandioca pão	Mata-fome, cabim, roxinha, para-mista, manteiga, pipiri casco-de-burro, castelo e rio verde
Feijão	60 dias, boinha, chapadeiro	Carioca, amarelinho, manteiga e roxinho
Milho	Caiana	3 e 4 meses
Arroz	Pratinha	Bico roxo e novato
Cana	Caiana, branca, argentina	Caiana, riscada e roxa
Bananas	Ourinho e ourão	Moça, 3 esquinas, prata, pantana, roxa virada, roxa vermelha, nanica, nanicana, maçã e maraença

[2] Disponível em: https://earth.google.com/web/search/V%c3%a3o+das+Almas,+Cavalcante+-+GO/@-13.4667306,-47.3025245,368.68675458a,4427.14787772d,35y,0h,0t,0r/data=CiwiJgokCfrce3wNY0NAEfvce3wNY0PAGQBjWTZhQExAIU622zalek3AQgIIAToDCgEwQgIIAEoNCP_____wEQAA.

“Vieram sementes de fora, tais como, mandioca pipiri, arroz novato e foi substituído algumas sementes do local por garantir uma boa produção do local. O feijão e guardado em garrafa para o tempo de plantio, o milho e o arroz e selecionado por semente; a cana deixa a moita; a mandioca deixa o quadro para não perder a semente. O arroz e o feijão eram guardados no saco ou no surrão de couro e só abria no tempo de plantar para não dá caruncho; o arroz fazia também uma pipa de couro, costurava e colocava o arroz dentro; fazia o moinho e colocava pendurado na casa em cima do vapor do fogo e não dava caruncho; o feijão colocava em algum tempo em cansaloro, cinza ou areia para não dá caruncho e não perder a semente” (Paulo Vieira Maia).

“A forma de cultivo e manual, através da mão de obra. Atualmente, a conservação e colocar em garrafa o milho e o feijão, a mandioca arranca, abre um buraco e coloca a maniva dentro e joga água, o arroz guarda no mesmo ritmo de antigamente. A cultura da semente e não poder acabar e continuar plantando para não perder a semente nativa do local. Os benéficos e não vender e não trocar a semente local com semente da cidade, alguns tempos, ainda vendia e fazia negócio com outras pessoas de comercio em troca de outros alimentos, hoje não vendemos, apenas plantamos para consumo. A conservação contribui para que nós não plantamos nada de veneno, sendo tudo natural e livre de agrotóxicos” (Paulo Vieira Maia).

Figura 14 – Milho 4 meses



Fonte: Alexandre Vieira (2024).

Figura 15 – Roça



Fonte: Alexandre Vieira (2024).

Figura 16 – Banana 3 esquinas e maçã



Fonte: Alexandre Vieira (2024).

Figura 17 – Mandioca casco- de-burro



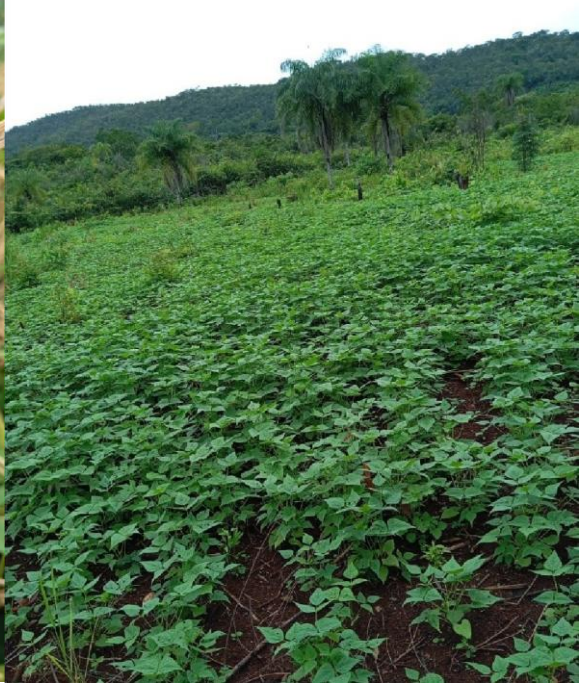
Fonte: Alexandre Vieira(2024)

Figura 18 – Arroz bico roxo



Fonte: Alexandre Vieira (2024).

Figura 19 – Feijão carioca



Fonte: Alexandre Vieira (2024).

“Nicanor dos Santos Rosa, 65 anos, nasceu e vivo no Vão de Almas, fazenda Barra (Capivara), lavrador e analfabeto”.

Figura 20 – Casa do entrevistado



Fonte: Google Earth[3], Anesson Santos (2025).

“Sementes crioulas e essas que plantamos todo ano” (Nicanor dos Santos Rosa).

Tabela 3 – Sementes crioulas presente na Comunidade do Vão de Almas

Tipo	Variedades Cultivadas no Passado	Variedades Cultivadas Atualmente
Mandioca	Bambu, ararinha, mata-rato, cabim, aipim preto	Para-missa, mata-fome, roxinha, piriri, molezinha, aipim mané, castelo de cipó, massa amarela
Feijão	60 dias, boinha, chapadeiro	Carioca, amarelinho, manteiga e roxinho
Arroz	Beira campo, pratão, pratinha, chapadeiro, roxinho, saia velha, caiana, milharino, tomba e milho	Novato, xandu, bico roxo, tigreiro
Cana	Caiana, branca, argentina	Caiana, riscada e roxa

[3] Disponível em: https://earth.google.com/web/search/V%c3%a3o+das+Almas,+Cavalcante+-+GO/@-13.4667306,-47.3025245,368.68675458a,4427.14787772d,35y,0h,0t,0r/data=CiwiJgokCfrce3wNY0NAEfvce3wNY0PAGRzNhxwyK0xAlTpMrVDUj03AQgIIAToDCgEwQgIIAEoNCP_____wEQAA.

Bananas	Ourinho e ourão	Moça, 3 esquinas, prata, pantana, roxa virada, roxa vermelha, nanica, nanicana, maçã e maraença

“O tempo mudou e causaram a perda de algumas sementes, pois o clima está muito mais seco e antigamente chovia muito. Os desafios incluem o plantio durante a lua minguante ou crescente, evitando a nova lua para prevenir o caruncho. A ameaça também é a troca das sementes locais com as da cidade, já que as sementes da cidade não têm produzido bem. O plantio é feito de maneira manual, utilizando enxada e roça de toco, tudo feito à mão. Conservamos o feijão e o milho em garrafas, e o arroz em sacos de linhagem. Ultimamente, seguimos o mesmo método antigo de conservação, guardando as sementes em locais para proteger do caruncho. A importância da cultura que mantemos é que seguimos o plantio como antigamente, de novembro a janeiro. Os benefícios dessa prática incluem o consumo de alimentos naturais, e a conservação das sementes nos ajuda quando não plantamos por um ano, pois ainda temos reservas” (Nicanor dos Santos Rosa).

Figura 21 – Mandioca casco de burro, pipiri e galheirinha



Fonte: Anesson Santos (2022).

Figura 22 – Arroz novato



Fonte: Anesson Santos (2022).

Figura 23 – Banana prata e Ourinho



Fonte: Anesson Santos (2024).

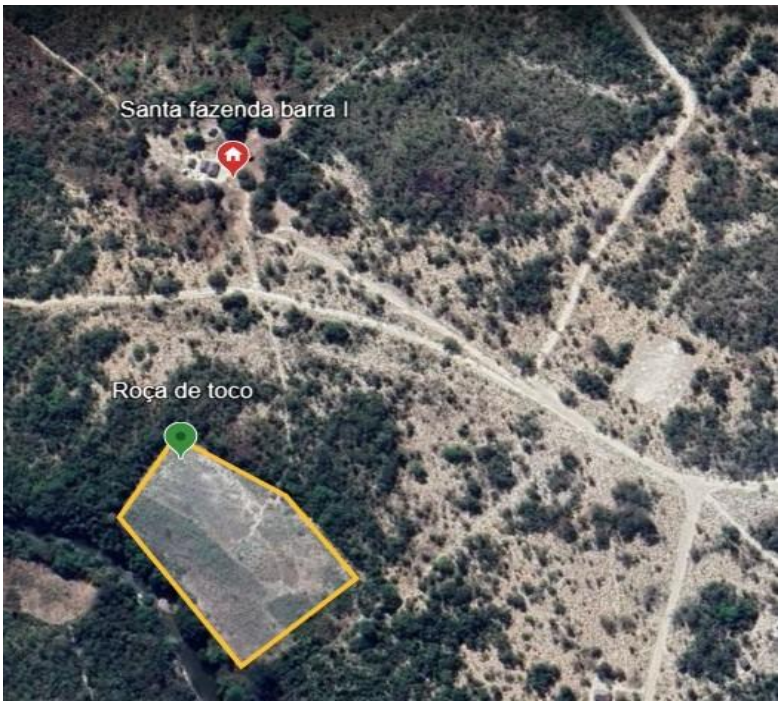
Figura 24 – Feijão carioca



Fonte: Anesson Santos (2025).

“Santa Dias dos Santos, 50 anos, nasci no córrego de areia Vão de Almas, vivo na comunidade desde que nasceu, moro atualmente na fazenda Barra I, lavradora e artesã e cursei até a 5° ano”.

Figura 25 – Casa do entrevistado



Fonte**:** Google Earth, Anesson Santos (2025).

Tabela 4 – Sementes crioulas na Comunidade Kalunga do Vão de Almas

Tipos de Semente	Variedades Antigas	Variedades Atuais
Feijão	Chapadeiro	Feijão de corda, Catador
Arroz	Piace	
Quiabo	Sete semanas	Meia vara, espinho branco e redondo
Jiló	Boi	Branco e redondo
Mandioca	Bambu, doidona, molizinha, castelo, aipim mané, cacau	Pipiri, galheirinha, casco
Melancia	Vermelha redonda	Vermelha comprida e amarela
Banana	Carretão e casco de jacaré	Abobora de pescoço e redonda
Abóbora	Carretão e casco de	Abobora de pescoço e
	jacaré	redonda

“Sementes crioulas são a da nossa comunidade, cultivava feijão, por causa da condição climática com pouca chuva nos dias de hoje e a distância do local onde cultivava que era aproximadamente 2 léguas (12 km). Os desafios e separar o de plantio em saco, mão de moinho ou sementes no sol para secar; no feijão colocar cinza para não do caruncho, para não perder a semente. O caruncho e uma ameaça para semente, pois, pode acabar com a semente nativa. O cultivo e manual, como, machado para derrubar a roça, enxada, ciscador e batedor de arroz feito de vara. A conservação e colocar cinza ou areia no feijão, o arroz deixar sem apurar, o milho fazer Haiti por cima do fogão ou colocar em garrafa pet. Atualmente a conservação e a mesma técnica de antes. A importância da cultura e conservar a semente tradicional que não possuem agrotóxicos e manter a preservação de geração em geração. Os benefícios trazem uma forte ligação com a terra e fins lucrativos. A conservação e preservar a semente que vem diretamente da própria terra sem adubo químico e para não acabar a semente” (Santa Dias dos Santos).

Figura 26 – Arroz piace



Fonte: Santa Dias (2025)

Figura 27 – Mandioca pipiri



Fonte: Santa Dias (2025)

Figura 28 – Milho 3 meses



Fonte: Santa Dias (2025)

Figura 29 – Banana maça



Fonte: Santa Dias (2025)

“Joana Rodrigues da Conceição, 76 anos, nasci no Vão de Almas, moro na fazenda Buriti Comprido, lavradora e não alfabetizada”.

Figura 30 – Casa da entrevistada

Tipo de Semente	Variedades Antigas	Variedades Atuais
Arroz	Marabá	Bico Roxo
Feijão	Roxinho, Chapadeiro, Barrigudinho, Costela de vaca, Fradinho, Manteiga	Catador
Mandioca	Mata Fome, Roxinha, Aparecida, Castelo Preto	Pipiri, galheirinha, casco de burro
Fava	Olho de pombo	Branca, roxa e pintada
Gergelim	Preto	Branco e roxo



Fonte: Google Earth[4], Anesson Santos (2025)

"Sementes crioulas e a que nós temos, perdemos a semente" (Joana Rodrigues da Conceição).

Tabela 5 – sementes crioulas da Comunidade Kalunga do Vão de Almas

[4] Disponível em: https://earth.google.com/web/search/V%c3%a3o+das+Almas,+Cavalcante+-+GO/@-13.4667306,-47.3025245,368.68675458a,4427.14787772d,35y,0h,0t,0r/data=CiwiJgokCSIYsAeWt0JAESIYsAeWt0LAGfosHHomEUxAIbJzJmCIkk3AQgIIAToDCgEwQgIIAEoNCP_____wEQAA.

“O tempo mudou fez perder as sementes, antigamente, chovia bastante e hoje a chuva está pouca. As ameaça e o caruncho e todo o plantio e feito manual na roça de toco, na enxada, machado. A conservação e colocar no bujão o milho e feijão; o arroz coloca em saco de linhagem junto com cravo. O modo de conservação e o mesmo de antigamente. A importância e manter a produção igual antigamente e o benefícios e seguir a cultura para não perder a semente. A conservação e que temos que guardar para não perder a semente, se não guarda perde” (Joana Rodrigues da Conceição).

Figura 31 – Limpeza de arroz manual com enxada



Fonte: Isadora Santos (2022)

Figura 32 – Arroz bico roxo



Fonte: Alexandre Vieira (2024)

4.2 Registro de fotos sementes crioulas

O registro fotográfico das sementes crioulas foi realizado na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, em conjunto com a pesquisa de monografia, a fim de evidenciar a importância da conservação dessas sementes dentro da comunidade. As fotografias foram produzidas a partir dos levantamentos feitos nas entrevistas orais com os anciãos, com o objetivo de mostrar as práticas de cultivo, conservação, tradições e a valorização das sementes crioulas no contexto comunitário.

A importância desse registro está em preservar os conhecimentos ancestrais e a identidade cultural relacionados às sementes crioulas, garantindo às futuras gerações a continuidade dos modos de produção tradicional e a conservação desses saberes. Diante disso, a comunidade poderá perceber que o registro de uma imagem

tem grande significado para a valorização das sementes crioulas e para a sustentabilidade cultural.

Além disso, as fotografias contribuem para a resistência cultural e para a valorização dos saberes ancestrais, que são essenciais ao modo de vida da comunidade. Elas evidenciam os aspectos do manejo que os povos tradicionais mantêm com a terra e as práticas de cultivo que não impactam o meio ambiente.

CAPÍTULO 5 – RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, por meio de entrevistas com os anciãos, relata o modo de vida enraizado nas práticas tradicionais de cultivo e conservação, mas também evidencia a persistente luta contra as mudanças climáticas e a perda de sementes crioulas. Segundo Bessa, Ventura e Alves (2017), as sementes crioulas são construções de autonomia, representando formas de resistência e preservação das tradições camponesas.

Os relatos dos anciãos da comunidade (Paulo Vieira Maia, Nicanor dos Santos Rosa, Santa Dias dos Santos e Joana Rodrigues da Conceição) destacam que as sementes crioulas são consideradas muito mais do que simples recursos agrícolas. Diante disso, as sementes crioulas abrangem um grande significado para a continuidade da identidade cultural, a preservação do meio ambiente, a autonomia alimentar saudável e o manejo sustentável, essenciais ao modo de vida da comunidade. A diversidade de sementes preservadas e cultivadas ao longo dos anos, como o feijão, a mandioca, o arroz e o milho, demonstra a forte conexão com a terra e com os conhecimentos tradicionais transmitidos de geração em geração.

A relação da comunidade com a terra e suas práticas de cultivo, como as de feijão, mandioca, arroz e milho, evidencia a conexão entre as sementes crioulas e o saber tradicional na preservação do meio ambiente. Essas práticas tradicionais refletem o que Bessa, Ventura e Alves (2017) discutem sobre a construção da autonomia camponesa por meio da conservação das sementes crioulas. A agricultura manual, mesmo diante das mudanças climáticas e das pragas, mantém-se como uma forma de resistência e de preservação cultural. O uso de técnicas, como o controle de pragas com cinzas e o armazenamento de sementes sem agrotóxicos, revela um forte compromisso com a sustentabilidade.

Como argumenta Boff (2017), a sustentabilidade não se limita à preservação dos recursos naturais, mas envolve uma relação ética e justa com a terra e com os seres vivos. No caso da Comunidade Kalunga do Vão de Almas, isso se traduz em um modo de produção agrícola que integra a sabedoria tradicional ao cuidado com a terra, a água e as sementes.

A agricultura manual, por sua vez, continua sendo a base do cultivo. Técnicas como o uso de enxadas, machados e roças de toco ainda são essenciais na comunidade, mantendo uma conexão com o modo de vida ancestral. Isso ressalta o que Santos (2015) descreve em seu trabalho sobre os quilombos: a agricultura

manual, em sua essência, não é apenas uma técnica de cultivo, mas uma forma de conexão com a terra, uma manifestação de resistência contra a mecanização e a industrialização da agricultura, que muitas vezes desconsideram as necessidades ecológicas e culturais das comunidades tradicionais.

A preservação dessa forma de cultivo manual foi a principal prática de conservação dos recursos naturais e representa a resistência da comunidade em manter suas tradições, que permanecem até hoje. Esse processo de preservação, segundo Baiocchi (1999), é parte fundamental da construção da identidade étnica do povo Kalunga e está intrinsecamente ligado à luta pela manutenção de suas terras e de sua cultura.

A ameaça das mudanças climáticas, principalmente a escassez de chuva e as variações de temperatura, como abordado pelos anciãos, ressalta uma realidade também discutida por autores como Eitel (2021), que observa a relação entre as mudanças climáticas e a agrobiodiversidade camponesa. De fato, o aumento da seca e a perda de algumas variedades de sementes, como as de mandioca e feijão, trazem consequências para o cultivo tradicional diante das mudanças globais.

No entanto, ao lado desse desafio, a preservação das sementes crioulas se apresenta como um método de resistência, de manutenção da autonomia e de reforço da identidade cultural, conforme descrito por Baiocchi (2008) em sua análise sobre a memória e a identidade étnica dos Kalunga. O conceito de identidade também perpassa o uso das sementes, pois são elas que garantem a continuidade de práticas ancestrais e de um modo de vida que, apesar das adversidades, resiste na busca pela preservação do conhecimento tradicional.

A importância de conservar as sementes crioulas representa uma grande conquista da comunidade, sendo também uma questão de identidade e de preservação cultural. Como citado por todos os entrevistados, a manutenção dessas sementes permite que as futuras gerações continuem praticando os modos tradicionais, tendo acesso aos alimentos oriundos da terra de seus antepassados, sem o uso de substâncias químicas. Isso contribui para a segurança alimentar e para a sustentabilidade da comunidade, além de garantir a transmissão do conhecimento tradicional sobre o plantio e a colheita.

A questão do controle de pragas, como o caruncho, por meio de métodos naturais, está em sintonia com os conceitos de sustentabilidade discutidos por Boff (2017), que aborda o modo como as práticas locais são adaptadas para garantir a

preservação do ambiente e da cultura. A resistência do povo Kalunga em usar agrotóxicos, mantendo uma produção de alimentos livres de substâncias químicas, não apenas protege a saúde da comunidade, mas também preserva a agrobiodiversidade.

O conceito de agrobiodiversidade e sua preservação em um contexto de mudanças climáticas é amplamente discutido por Eitel (2021). O autor aponta que a agrobiodiversidade é um bem comum, porém vulnerável, e que a perda de variedades locais pode trazer consequências irreparáveis não apenas para a produção agrícola, mas também para a própria cultura do povo que as cultiva. Nesse contexto, os Kalunga enfrentam não apenas a escassez de recursos naturais, mas também mudanças nas dinâmicas do território, que afetam diretamente sua relação com a terra.

A pesquisa realizada com os anciãos evidencia não apenas o modo de vida da comunidade, mas também as práticas sustentáveis utilizadas para enfrentar os desafios climáticos e preservar a cultura e o meio ambiente, mantendo viva a conexão entre as gerações e a terra. As entrevistas sobre as sementes crioulas da Comunidade Kalunga do Vão de Almas, portanto, configuram uma importante contribuição para a valorização da agricultura tradicional e para a reflexão sobre os impactos das mudanças climáticas nas práticas agrícolas das comunidades tradicionais.

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou que a conservação das sementes crioulas é essencial para a manutenção das práticas agrícolas tradicionais e para a sustentabilidade cultural na Comunidade Kalunga do Vão de Almas. Os saberes ancestrais transmitidos pelos anciãos evidenciam a valorização e a importância da preservação das sementes crioulas como forma de resistência cultural e de fortalecimento da identidade da comunidade. Dessa forma, destaca-se a necessidade de continuar incentivando as futuras gerações à prática da agricultura tradicional e à conservação das sementes crioulas, de modo a garantir a segurança alimentar e a diversidade cultural na comunidade.

As escolas do campo devem adotar políticas de valorização da cultura quilombola para a implementação das diretrizes da Educação Quilombola, garantindo um currículo adequado e materiais pedagógicos que respeitem e promovam as tradições e os saberes ancestrais das comunidades. Quanto ao fortalecimento da infraestrutura escolar nas áreas rurais e quilombolas, é necessário investir na melhoria das escolas para assegurar o acesso a recursos básicos, como água, energia e transporte, de modo que todos os alunos possam aprender em condições adequadas. Além disso, as escolas devem ser vistas como centros de preservação da cultura local e de distribuição de sementes crioulas, criando bancos comunitários de sementes no espaço escolar, que permitam a conservação da biodiversidade local e o fortalecimento das práticas agrícolas sustentáveis, essenciais para a segurança alimentar da comunidade.

Além disso, as sementes crioulas representam um patrimônio cultural fundamental para os povos da comunidade. Sua preservação não apenas contribui para a manutenção da biodiversidade, mas também garante a autonomia dos agricultores e a valorização dos conhecimentos tradicionais transmitidos de geração em geração.

Os desafios enfrentados pela comunidade, como as mudanças climáticas, a perda de variedades tradicionais e a ameaça das sementes transgênicas, reforçam a importância da valorização e de políticas públicas que apoiem a agroecologia e a soberania alimentar. As técnicas de conservação utilizadas pelos anciãos evidenciam a sabedoria ancestral da comunidade e a necessidade de que essas práticas sejam reconhecidas e incentivadas, para que as futuras gerações possam dar continuidade a essa experiência de vida.

Portanto, a luta pela preservação das sementes crioulas é um movimento de resistência e de afirmação da identidade cultural. Esta pesquisa reforça que a preservação das sementes crioulas não é apenas uma questão agrícola, mas também uma forte ligação com os saberes ancestrais e com a preservação do meio ambiente. A valorização dessas sementes deve ser promovida por meio de pesquisas, contribuindo para a construção de políticas que respeitem e fortaleçam a agricultura tradicional dos quilombolas. A continuidade dessa prática será fundamental para a manutenção da sustentabilidade cultural e da autonomia da Comunidade Kalunga do Vão de Almas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SEBRAE GOIÁS. Quilombo Kalunga, na Chapada dos Veadeiros, ganha Prêmio Nacional de Turismo. **Agência Sebrae Goiás**, [online]. Disponível em: https://go.agenciasebrae.com.br/cultura-empreendedora/quilombo-kalunga-nachapada-dos-veadeiros-ganha-premio-nacional-de-turismo. Acesso em: 29 nov. 2024.

ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 12., Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Cadernos de Agroecologia, 2024. Disponível em: https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/issue/view/14. Acesso em: 20 fev. 2024.

BAIOCCHI, M. N. **Kalunga**: memória e identidade étnica. Brasília: Thesaurus, 2008.

BAIOCCHI, M. N. **Kalunga**: povo da terra. Brasília: Ministério da Justiça, UNESCO, 1982.

BAIOCCHI, M. N. **Kalunga**: povo da terra. Brasília: Ministério da Justiça, 1999.

BAIOCCHI, M. N. **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

BESSA, M. M.; VENTURA, M. V. A.; ALVES, L. S. Sementes crioulas: construção da autonomia camponesa. **Cadernos de Agroecologia**, [*S.l.*], v. 11, n. 2, 2017. Disponível em: http://revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/20978. Acesso em: 26 jan. 2020.

BOFF, L. **Sustentabilidade**: o que é-o que não é. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2017.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 14 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Uma história do povo Kalunga**. 2001. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/Historia_do_povo_Kalunga_MEC.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

CUNHA, A. F. **Resistir para existir**. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/aqk.quilombokalunga/p/CBEV31bh6IO/. Acesso em: 26 jan. 2025.

EITEL, M. A. **Sementes crioulas e a agrobiodiversidade camponesa**. 2021

GASPAROTTO, A.; TELÓ, F. (org.). **Histórias de lutas pela terra no Brasil (1960-1980)**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

GOMES, F. S. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

LIMA, L. N. M. Sítio histórico e patrimônio cultural Kalunga. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG, 3., 2012, Jataí. **Anais** [...]. Jataí: UFG, 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/luana_geralda.pdf. Acesso em: 19 ago. 2024.

MARONHAS, M. E. S.; SILVA, A. C. L.; GORGEN, F. S. Sementes. *In*: DIAS, A. P. *et al.* **Dicionário de Agroecologia e Educação**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2021.

OLIVEIRA, E. S. **Cultura e agricultura**. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2011.

PEREIRA, B. M.; ALMEIDA, M. G. O quintal Kalunga como lugar e espaço de saberes. **Revista Geonordeste**, Aracaju, ano XXII. n. 2. p. 47-64. 2013. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/geonordeste/article/view/2414. Acesso em: 4 ago. 2024.

RUSCHEINSKY, A. No conflito das interpretações: o enredo da sustentabilidade. *In*: RUSCHEINSKY, A. (org). **Sustentabilidade**: uma paixão em movimento. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SATO, M.; CARVALHO, I. **Educação ambienta**l: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

SILVA, C. E. M. Sustentabilidade. *In*: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf. Acesso em: 7 set. 2024.

SILVA, J. A. A. "A cultura e a sustentabilidade: saberes tradicionais e preservação ambiental." **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 10, n. 2, 2020, p. 85-101.

SILVA, J. L.; SOUZA, J. P. **Quilombos e a preservação ambiental**. São Paulo: Editora da Universidade, 2015.

SOUZA, M. L. A. Comunidades rurais negras e educação no Projeto “Uma História do Povo Kalunga”. **RURIS**, v. 2, n. 1, p. 73-97, 2008. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16816. Acesso em: 20 ago. 2024.

VIEIRA, J. L. G. **Etnoconhecimento**: organização das ações de pesquisa, desenvolvimento e inovação e transferência de tecnologia da Embrapa relacionadas aos povos e comunidades tradicionais. Brasília, DF: Embrapa, 2007.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Nome completo:

Idade:

Onde nasceu:

Quanto tempo vive na comunidade Vão de Almas?

Local onde mora no Vão de Almas:

Profissão/ocupação:

Escolaridade:

1. Você sabe o que são sementes crioulas?
2. Quais sementes que cultivava antes e não cultiva mais na comunidade Vão de Almas? Por quê?
3. Quais sementes que cultiva hoje na comunidade?
4. Quais são os principais desafios da comunidade com a sementes crioulas?
5. Quais são as principais ameaças enfrentadas nas sementes crioulas? Porquê?
6. Quais são as formas de cultivos predominante na comunidade?
7. Quais são as formas de conservação das sementes crioulas?
8. Como fazem para conservar atualmente? Como conservavam antes a sementes crioulas?
9. Qual a importância das sementes crioulas para a cultura da comunidade do Vão de Almas?
10. Como são os benefícios futuros para a valorização das sementes crioulas?
11. Como a conservação das sementes crioulas contribuem para os benefícios futuros na comunidade Kalunga Vão de Almas?